



Textos Contemporâneos à pandemia de 2020

é DIA
dE
ESCRE
VER

Antologia

Retratos Pandêmicos

Textos Contemporâneos à pandemia de 2020



EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antologia : retratos pandêmicos : textos contemporâneos à pandemia de 2020 / coordenação Eduardo Matos Graça ... [et al.]. --
Peruíbe, SP : Editora Questione, 2021.

ISBN 978-65-00-28061-6

1. Antologias 2. COVID-19 - Pandemia
3. LGBTQIA+ - Siglas 4. Mulheres indígenas
I. Graça, Eduardo Matos.

21-75844

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Participaram da organização do projeto “É Dia De Escrever” e da construção desta antologia:

Produtor Executivo e Editor: Mário Matos Graça Junior

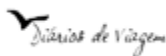
Coordenadores de Grupos: Henrique Bermude Graça,
Natália Ribeiro Soares e Simone Bottega

Designer e Diagramadora: Mônica Gonzaga Machado

Revisora: Kelly Rodrigues



PARCEIROS



REALIZAÇÃO



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa



Índice

Prefácio _____ **12**



Índice
Navegável

Por Detrás das Telas _____ **16**
Grupo Jovens

Abstinência _____ 19
por Ayla Júlia

Bicho do Mato _____ 21
por Yasmin Lula

Por Detrás Dessa Tela _____ 23
por CZ

Náufrago Sem Lar _____ 25
por Darla Monique

Estou On-line, Logo Existo _____ 27
por Isis Sonsino

Mundo Mágico _____ 30
por Lyn Leroy

479º Dia _____ 31
por Marcos Vieira

O Mundo Ainda é Grandioso Lá Fora _____ 33
por Tainá Amador Junqueira

Minha Revolta Não Cabe Numa Telinha _____ 36
por Breno Luan

O Longo Curto Relato de Alguém _____ 38
Que Não Está Nada Bem por Eve

O Último Suspiro _____ 41
por Matheus Silva

Viver é Privilégio! _____ 43
por Clara Maas

Minicontos do Cotidiano Durante _____ 46
o Fim do Mundo. por R. L. Martins

Por Trás da Tela, Tem Gente! _____ 49
por Laissa Mendes

Um Sorriso Afiado _____ 51
por Lis

As Telas Nos Distraem da Realidade	53
por Burúna Anjos	
Entre iPhones e a Fome	56
por Poeta Ryan Senna	
Tela de Vidro	58
por Nicole Amaral	
Tardo e Falho	60
por Noemy	



Índice
Navegável

Afetos e Relações 61

Grupo Negritudes

Acalantando o Pa(i)ssado	64
por Arce Correia	
Todo Dia	67
por Ya Ferreira	
Reflexões Pandêmicas	69
por Priscila Brito	
Eles	71
por Claudia Walleska	
Desabafo de Mãe Preta	73
por Maria Clara Martins	
Mais um José	75
por Renata Mene	
Na Janela Há Primavera	77
por Matheus Cruz	
Renascer	81
por Laísa Costa	
No Meio da Pandemia	83
por sabrina.poesia	
Levarei o Que Resta de Ti	86
por Vinícius Mendes	
Tempo, Fique Um Pouco Mais Aqui	88
por Mendes Moreira	
De Repente...	90
por vichistórias	
Onde Mora o Eu?	93
por Giovanna Pina	

Depois de Um Ano _____ por Kellyanna Vasconcelos	96
O Outro Começa Aqui _____ por Victor Nkem	98
Segunda Onda _____ por Henrique Lima	100
A Gente Se Vê Qualquer Dia _____ por Edgard França	101
A Cidade Não Dorme aos Meus Olhos _____ por Viviane Eneida	102



Índice
Navegável

A (R)existência Caminha 104 **Grupo LGBTQIA+**

A Voz do Pássaro _____ por Roberta Zancani de Lima	107
AUTOESCUTA _____ por Arthur Magalhães	113
A Peste (são os outros) _____ por Thiago Loureiro	115
Eu Não Quero Mais Resistir! _____ por Thamires Bianca Araujo	117
A Fuga _____ por Maurício Rosa	120
O Que Vem do Céu _____ por Rodrigo Maria Dias	122
No One Forgets a Volcanic Eruption _____ por Mariana Carreiro	124
“Cais” _____ por Alê Monteiro	126
O Cerne em Brasa Quer Viver _____ por Sofia Costabile	128
Yoga Para Iniciantes _____ por Gustavo Lorón	130
Amar Requer Coragem _____ por Gabi Souza	133
Fim de Consulta _____ por Dêner B. Lopes	135

Diversas _____ **137**
Grupo Mulheres

Contra o Dito _____ 140
por Marian Koshiba

Ruas de *Delivery* _____ 143
por Cássia Oliveira

Partida _____ 145
por Maithê Prampéro

A Epidemia Dentro de Mim _____ 147
por Kamila Iasmin

Lívia, Quem é Você? _____ 149
por Lívia Lima Paiva

AmAr em Tempos de Pandêmia _____ 151
por Goretti Giaquinto

Telefone Sem Fio _____ 154
por Camila Uribe

Nostalgia _____ 157
por I.G. Marchetto

O Quintal da Maria _____ 159
por Lívia Ribeiro

Para o Menino Sol _____ 162
por Simone Carvalho

Pontes _____ 164
por Valéria Barros

Duas Mulheres e um Chão de Letras _____ 166
por SMastro

Leões Nunca Param de Rugir.
Leões Também Regem/Rugem. _____ 168
por Corpo e Poesia (Stela Alves)

Talismã _____ 171
por Raísa Gomide

Carta Para o Passado _____ 173
por Diane Macagnan

Mulheres da Educação _____ 175
por Zaira K. Fabre

Refletida _____ 177
por Simone Machado



Índice
Navegável

O Reencontro de Ser Quem Somos —————	179
por Daiane Souza	
Um Dia Quis Ser Cientista —————	181
por Beatriz Messias	
Era Dia de Escrever —————	183
por Oluh Guerra	



Índice
Navegável

Ara Pyaú ————— 184

Grupo Indígena

Ara Pyaú —————	187
por Simone Takuá	

Djatsyá - regwá —————	188
por Lenira Djatsy	

Ará Pyaú —————	189
por Jean de Oliveira Cardoso	

Whesley dos Santos Evaristo
 Itauan Nabiran Gomes Lemos
 Pamella Renata Dina de Oliveira
 Carolina Dina de Oliveira
 Erika Dona Santana
 Maria Júlia
 Erik Diogo
 Leandra Kawener Dina dos Santos
 Leandro Kwaray Tsapes
 Thales Barbosa Silvano
 Simone Barbosa da Rocha
 Lenira Dina de Oliveira
 Kamila Ariellen Dina dos Santos
 Samira Naely Jerá Poty Delane
 Davi Honório Cardoso Bottega
 Suri Lavine Honório Cardoso
 Igor Nimboeté Samuel dos Santos
 Josiane Cardoso Bottega
 Auá Nimboeté Samuel dos Santos

Posfácio ————— 193



Prefácio

O ano era 2020. Tudo ia (não) tão bem, quando piorou. De tempos em tempos, o planeta é assolado por alguma pandemia. Alguns pensam ser um castigo, enviado por um Deus, outros acreditam no acaso. Tem quem acredite em conspirações comunistas para dominação global, e tem quem acredita ser a resposta da mãe terra (natureza) às explorações humanas.

Nossas gerações (1960-atual) já conviveram com algumas pandemias, entre elas o HIV (1980), a Gripe Suína (2009) e agora o Coronavírus (2019 e contando). E mesmo com todos os avanços da medicina, a transmissão das mensagens e das informações em um ritmo cada vez mais veloz, a ciência cada vez mais estimulada pelo mundo, ainda assim, vez ou outra, surge uma pandemia.

Mas por que essa pandemia, a do Coronavírus, é diferente? Porque morrem tantos em tão pouco tempo? Porque alguns países tiveram um combate exemplar à pandemia (com pouquíssimos casos e mortes) e outros ainda hoje negam a gravidade da situação?

O projeto “**É Dia de Escrever**” começou a ser idealizado no início da pandemia. O que era para ser 15 dias de “férias” para controlar uma “gripezinha”, acabou tornando-se 1 ano e 5 meses (e contando) de prisão domiciliar. Para alguns, ficar trancado em casa é o maior dos castigos: fome, desemprego, violência doméstica, abandono dos estudos, ataques a aldeias, desmatamento, falta de vacinas, moradia... Tudo virou de ponta cabeça.

É dentro deste cenário que a **Editora Question!**, em parceria com a **Diários de Viagem**, planejou e idealizou um

projeto de Incentivo à Leitura e Escrita para Novos Autorxs. A ideia era aliviar a tensão dos dias pandêmicos e fazer um retrato literário destes tempos. Juntxs, 89 pessoas divididas em cinco grupos (indígenas, mulheres, negritudes, jovens e LGBTQIA+), encararam seis meses de projeto com oficinas de escrita criativa, contação de histórias, leitura e interpretação de textos, diversos exercícios e ao longo dos dias foram lar e ombro uns dos outros.

Nos textos a seguir, mostramos um registro contemporâneo e atemporal da pandemia do Coronavírus. Olhares de cinco grupos sócio-étnicos-culturais de como cada um desses sofreram as consequências da pandemia. A morte é calculável, mas os dramas, as dores, as necessidades individuais e os traumas não são.

Arrisque-se nos textos de 89 novos autorxs sobre a nossa pandemia. O grupo de jovens nos conta sobre como é viver, estudar e socializar “Por detrás das Telas”, tendo como pano de fundo a desigualdade social que cria mais um obstáculo para quem já larga atrás nesta corrida da educação e do emprego. O grupo de negritudes nos traz como ficaram nossos “Afetos e Relações” durante essa pandemia. O grupo LGBTQIA+ vem para gritar que apesar da pandemia e atrasos na sociedade (não só por conta da pandemia), “A (R)existência Caminha”, e nos articulamos de diferentes formas e com outras ferramentas contra o retrocesso. As mulheres são “Diversas”, e cada uma é ventre de uma história única dentro desta pandemia. E por fim, o grupo indígena da aldeia Nhamandu Mirim vem nos contar sobre o “Ara Pyaú”, um tempo de renovação, que se inicia agora com o lançamento desta antologia (agosto de 2021), junto à primavera.

É tempo de repensarmos nossas relações interpessoais, o consumo e a exploração do nosso planeta e a expansão das áreas agrícolas e urbanas para cima das florestas. A pandemia nos mostrou que somente pelo coletivo, em rede, pensando nos menos favorecidos (e sempre somos mais, e ao mesmo tempo, menos favorecidos que alguém), e com consciência de classe é que vamos construir um futuro mais justo para todos e mais próspero para o planeta.



POR DETRÁS DAS TELAS
GRUPO JOVENS



Por detrás das Telas

Com a pandemia da covid-19, a vida de todos foi mudada. Muitas pessoas deixaram de se encontrar fisicamente e o contato ficou restringido às telas, seja de celulares, seja de computadores, seja de televisões.

Tantas transformações sofridas não apagaram o fato de que por detrás dessas telas existem pessoas com lutas que permanecem e se agravam, tanto as internas quanto as externas (psicológicas ou sociais).

Os textos aqui escritos trazem as experiências dos mais jovens nesse contexto, cujas vidas foram afetadas de forma particular pelo isolamento.



Abstinência

Pela manhã, uma dose de tontura combinada com pitadas de irritação.

Me dirijo até a cozinha e dou de cara com dona Dirce preparando o café. Ela me oferece uma xícara.

— Bença, vó.

— Deus te abençoe. Tá bem?

Apesar de não ter certeza da resposta, aceno com a cabeça. Apanhei o pequeno recipiente de suas mãos e me positionei em frente ao computador.

A primeira aula do dia é História.

Entre uma data e outra, me vejo contando os minutos pra acabar; e eu sempre amei Humanas.

Pulo o almoço e corro pra frente da TV. O noticiário aponta: daqui pra frente, é só pra trás.

E falando em avanços, não escrevo mais. Poesia não cai no vestibular, aliás.

Mas hoje fiz 17 questões de Matemática. Não parece um bom número?

Roo as unhas e encaro o diário azul em cima da escrivaninha. A tentação preenche o cômodo, quase palpável.

— Você pode ir ao mercado pegar umas coisas pra janta?

Assusto-me quando minha avó surge na porta. A idosa me lança um olhar desconfiado, apontando para a caderneta azul.

— Você tem que parar com essas besteiras, não é tempo disso...

— Posso sim, vó. Interrompo o sermão.

Ela vai até o diário e arranca uma folha. Tremi ao ver o verso da folha recheado de palavras. Numa canetada, surge a lista de compras.

— Vê se não demora!

Fecho a porta, agarrando o papel sob o peito. No pensamento, uma ordem: “não leia, não leia, não leia...”

Com os olhos marejados, paro em uma viela. Uma sensação de prazer me inunda ao alcançar o texto.

“Crer é uma virtude dos rebeldes”.

E depois do êxtase, um vazio. Eu fracassei.

Escondo a folha rapidamente quando um transeunte para ao meu lado. Enquanto acende um cigarro, o homem indaga:

— Traficante?


Fico em silêncio por alguns instantes.

— Usuária.

— Qual droga?

— Esperança.

Em tempos sombrios, experiencio a abstinência de acreditar.

	Ayla Júlia	São Paulo/SP
	15 anos	@aylajuliaf



Bicho do Mato

O calor opressor sufocava uma Diana acuada. Com sua bolsa junta ao seu corpo, seus olhos inquietos esperavam ansiosos pelo ônibus. Apenas torcia que aparecesse logo, já que aos domingos eles tendiam a demorar.

Ela fazia questão de ignorar todas as vozes jovens dispersas na rua, fazia o mesmo com a fila de vestibulando esperando seus pais, nem mesmo o prédio da faculdade que acabara de sair, olhava.

Contudo, o som de uma tosse crescente estourou sua bolha. Seus pelos eriçaram. Vinha um senhor com uma máscara que insistia em descer até o queixo. A cada passo dele, Diana rezava mais para o ônibus aparecer. Com sua visão periférica, ela viu a cabeça grisalha virando em sua direção.

Dava para ver as narinas.

— Aquele é o 4112?

Não, não era o ônibus do senhor e sim o dela. Em segundos, ela respondeu um singelo “não”, deu sinal e entrou frenética. Tentou se equilibrar apenas com uma mão no balanço do veículo, porém parecia que havia esquecido como fazer isso em todos os meses dentro de casa. Nem a catraca ajudou-a em não segurar no ferro que outras dezenas de corpos encostaram. Passou pelas pessoas que se escoravam nas barras, uns espirravam, outros, tagarelas, pareciam expelir seus germes ao mesmo tempo que vomitava palavras.

Diana fugiu até o fundo vazio e esperou pacientemente o seu ponto chegar. Sentou, tentou limpar as preocupações com o álcool em gel que estava entre a garrafa de água fechada, uma caixa de bis que faltava cinco *wafers* e a caneta que usou no ENEM. Respirou fundo uma vez antes de perceber que es-

tava embaixo da saída do ar-condicionado. Sua pele pinicava, sentindo falta do ar verdadeiro, e poluído, de São Paulo.

A cada parada subiam mais e mais passageiros até que o fundo do ônibus fosse ocupado. Faltando menos de cinco pontos, uma moça sentou ao seu lado. Ela falava protegendo somente o queixo e tinha uma necessidade singular em conversar tocando nas pessoas. Cada vez que ela abria a boca, Diana se encolhia mais no banco. Entre um áudio e outro, a moça olhou-a de esgueira. Segurou gentilmente o braço da jovem e perguntou:

— Tudo bem?

Diana somente conseguiu assentir com a cabeça rezevando entre olhar a mão da moça e seus olhos.

— Hoje foi o ENEM, né?

Mais uma vez balançou a cabeça.


— Vai dar tudo certo.

Como explicar que na prova as letras se fundiram e os números se embaralharam?

A conversa não se alongou, pois o ponto chegou. Diana desceu correndo e apenas sorriu agradecendo. Seu coração apenas acalmou quando viu o portão de casa. Já foi tirando os sapatos, imaginando a hora de se limpar, quando ouviu duas vozes na sala, de sua mãe e de sua tia, mãe do orgulho da família, com os sapatos e a roupa sujos de rua. Escutando os passos da filha, sua mãe apareceu na porta de casa e perguntou:

— Tudo bem?

Diana não sabia a resposta.

	Yasmin Lula	São Paulo/SP
	17 anos	@yas_lsouza



Por Detrás Dessa Tela

Pois é irmã, irmão.
Estamos todos presos nessa prisão.
Toda essa ansiedade e depressão.
Nos sufoca e tira o ar do pulmão.
Parece até história de ficção.
Mas não é não.

É realidade a isolamento.
Por detrás dessas telas sem esperança.
Tome um copo de aceitação.
E dance no ritmo que vem seguindo essa dança.
Mas não pode aglomeração, não.
Abaxe a mão e pegue sua posição.
Por detrás desse telão.

“VOCÊ VEIO DE UM ÚTERO,
VOCÊ NÃO É O ÚLTIMO.
NÃO SE TORTURAR, SAIA DESSE CASULO,
POR DETRÁS DESSA TELA E FAÇA BARULHO”.

Escondido por mais de 15 estações
já rasguei tantas canções,
já me causei tantos arranhões,
mas estou ainda em posição.
Sentindo ainda a emoção a cada vibração.
Tendo por detrás da tela a educação,
Sem outra opção de escolarização
Perdendo cada dia mais a razão
Riscando cada uma de suas lições.

Nas redes sociais é indo de união em discussão.
Na dúvida se queria estar aqui ou não.
Sem saber se morreria com perdão
porque perdi o sentido de determinação.
E cada expressão minha vem em forma de confusão.
Mas está tudo bem agora, então?
Não consigo decidir se continuo ou não.
Será que só me falta determinação?
Por detrás dessa maldita tela sei o rumo que as coisas terão.
Só vejo escuridão ou será que também tem destruição ou não?
Eu gostaria de um empurrão ou não?
Santificação ou talvez libertação?
Essas telas sujas e imundas não são apenas imaginação.
Porque há vozes dizendo:
— Você não consegue!
— Você é apenas uma pobre maquete,
nada mais que uma marionete.
E essas vozes me perseguem dizendo:
— Você não consegue.

Digite, poste, verifique, fique, eduque, limite, de guarda.
É quarentena. Tem vírus por detrás da sua tela.

Olhe, dance, cante, fale, grite, peça.
Nessas telas em tempo de matança
estão gravadas cada lembrança,
de cada momento de injustiça.
Por detrás dessas telas cheias de desgraça.
Por detrás de toda essa descrença, insegurança, medo.
Por detrás e só... uma criança.

	CZ	São Paulo/SP
	15 anos	@t.bbisborria



Náufrago Sem Lar

Ontem à tarde, observei minha janela de vidro fechada, os respingos de chuva caminhavam lentamente tirando o embaçado que o vendaval produzia. Há cerca de dois metros havia um papel higiênico, pensei em buscar para amenizar o caos do vidro, porém, o chão aparentava escorregadio para andar sobre ele, as gotas-d'água alertaram que estava prestes a começar a corrida de São Silvestre. Invadiram minha casa, os passos se apertaram, as poças de água amadureceram e criaram ataques no meu telhado, tiros alarmantes e descontrolados, baldes por todo lado, a minha casa mais uma vez inundou. O papel higiênico se encharcou e perdeu-se pela enchente dos cômodos.

Meu rosto se desconfigurou quando as gotas-d'água que caíam sobre o telhado encontraram com as minhas lágrimas, água do meu corpo se apaixonou pela semelhança das gotas e as convidaram para morar em meu lar. Se apuseram do meu coração, ocasionando ansiedade e eletrocutando minhas partículas que formam a hipoderme, temperatura do meu corpo que resguarda minha energia e estabelece motivos para aguentar mais um dia viva sem ter que secar minhas lágrimas.

Livros e cadernos que estavam em uma caixa de papelão se abriram, letras e palavras se afundaram no vazio e frio.

Perdi móveis, eletrodomésticos, cama e eu, sim, me perdi. Perdi forças de continuar sendo a pessoa que abraça o mundo e diz que vai ficar bem, quando na verdade, não está há muito tempo e tudo que preciso é fugir da minha mente. Ser sensitiva, às vezes, me preocupa, carregar a veracidade do que o mundo sente é grave, é como pilotar um avião desgovernado sem dizer o último “eu te amo” para a pessoa amada.


As manhãs de sol, das 10 horas, por esses dias não vieram visitar meu quarto, talvez porque acalantar minha vida seja desgastante, ter que pegar na mãozinha para eu não me afundar no mar de cobranças, inseguranças e crises, prolonga sofrimentos que devo enfrentar.

A última notícia que prestei atenção foi no Jornal Nacional da semana passada, Maju Coutinho, informando que o Brasil passa dos 500 mil mortes e que se for possível, ficar em casa. Não estranhei a reportagem, afinal, estamos nesse pesadelo já faz mais de 365 dias. Talvez lembrei porque as notícias recentes se encontram velhas.

Hoje, olhei para minha janela de fora, avistei gotas-d'água escorrendo de dentro. A tristeza me expulsou de casa e o sol não se comoveu com a inundação.

Eu sou robô, meu programador faleceu ontem de covid. E por ironia do destino, eu faço lives, comentando o quanto odeio máquinas. Relacionamento recheado de precisão e hipocrisia, entrelaçando amor e ódio quando nos meados do fim da tarde, meu celular desliga e todos botões não funcionam mais. Tela vazada, estresse e tristeza criam comorbidades da minha bipolaridade em saber que meu vício se virou contra mim, dependência de pendências para garantir o pão de cada dia, sem auxílio moradia e com aparelho fodido, só me traz mais sentimentos de que o capitalismo invadiu minha casa e roubou todos meus utensílios e forças de sobrevivência.

Olhar e reparar meu lar, pão mofado, aparelho molhado e me ver ao reflexo do celular quebrado, sei que pode indicar mau agouro ou morte ao meu ser das chamadas não atendidas; entrevista de emprego. Nos correios, as cartas de despejo.

	Darla Monique	São Paulo/SP
	18 anos	@darla_monique



Estou *On-line*, Logo Existo

E, então, se acendem os celulares, as televisões, os *tablets* e os computadores e, finalmente, se abre a grande cortina vermelha.

(*Apresentador*) – Seja muito bem-vindo a mais um dia de espetáculo, vamos ver o que temos para hoje?

(*Artista n°1*) – Vai lá, liga o computador, abre a câmera, jante comigo.

Abrem-se as câmeras

(*Artista n° 1*) – Como você está linda, atualizou o programa ou mudou de aplicativo?

(*Artista n° 2*) – Ah, eu apenas mudei de *software*.

(*Artista n° 1*) – Vamos marcar algo quando a pandemia acabar? Eu necessito de um abraço seu.

(*Artista n° 2*) – Mas é claro! Eu preciso te ver sair da tela do meu computador.

Risos

(*Narrador*) – E ali, enquanto conversavam por meio de uma

tela, como faziam toda noite, eles não percebiam o quanto era frágil a frase :

– Vamos marcar algo quando a pandemia acabar?

Atmosfera dramática

(*Artista n° 1*) – Eu tenho tantos documentos de *Word* pra assinar e enviar.

(*Artista n° 2*) – Estamos nisso há tanto tempo que nem sei mais como é a vida fora de uma tela.

(*Artista n°1*) – Eu sei que pode parecer loucura, mas e se...

(*Artista n°2*) – E se nós quebrássemos a quarta parede?

(Pláteia)

Olhares assustados

(*Narrador*) – Me perdoem interromper o espetáculo, mas eles estão loucos, não se quebra a quarta parede!

***Grupo de poetas corta o espetáculo* (GRUPO DE POETAS):**

E naquela noite, depois de descobrir que meu melhor amigo havia ido morar num caixão eu percebi o quanto era frágil a promessa que fiz a ele.

– Quando tudo isso acabar, vamos sair juntos pra tomar sorvete.

E, em mais uma manhã cansativa e repetitiva, percebi que se reinventar se trata de morrer e renascer a cada decepção e agora estou me perguntando quando eu vou renascer.

E no dia em que eu morri eu percebi o quanto a vida é imprevisível, e o quanto esse maldito vírus tem afinidade pelos miseráveis; me dei conta que havia deixado de existir por não estar atrás de uma tela, eu percebi que não assistiria ao espetáculo da vida, e sim que eu estrearia atuando no capítulo dos pobres e famintos que, se não morreram pelo vírus, morreram pela fome.

E no dia em que percebi que faz tempo que não abraço as pessoas que eu amo, nesse mesmo dia eu percebi que havia me despedido de muitas pessoas uma última vez e não tinha me dado conta.

(TODOS OS POETAS JUNTOS)

– Nesse mesmo dia percebemos que ficar *off-line* é como morrer; nesse mesmo dia percebemos que nossos maiores atores atuam fora da quarta parede; percebemos que fora dela existe a morte. Foi nesse dia que percebemos o espetáculo da vida estreiar na televisão e nós nem nos damos conta do quanto esse programa é problemático, nossos algoritmos já não computam mais as emoções; nosso sistema está quebrado, estão tentando nos cal...

Fora do ar

	Isis Sonsino	Penápolis/SP
	16 anos	@isissonsino



Mundo Mágico

Em meados do ano de 1941,
dentro de um guarda-roupa mágico,
quatro crianças se esconderam.

Agora em 2021, chegou nossa vez de
nos escondermos por meio das telas.

Lugar mágico,
onde encontramos
pessoas novas,
novos lugares,
novas possibilidades.
Um novo mundo

A grande batalha (infelizmente) já perdemos,
mas, não podemos perder as esperanças
de voltarmos para o nosso mundo.


	Lyn Leroy	São Paulo/SP
	17 anos	@Lyn_leroy



479º Dia

Abrindo o *Google Meet*...
Entrando na aula, outro dia de EAD.
Sigo aqui estudando confinado,
16 meses depois do primeiro caso confirmado.
Tanta, tanta notícia, chega a dar aflição.
Nenhuma faz questão de ser boa, tô aguentando mais não.
Tem hora que é difícil ter fé.
Ouvindo que se vacinando, você virá jacaré!
Acho que tem gente brincando.
Um monte querendo a primeira dose,
e quem consegue, chega no posto:
— Aí, moça, que vacina tá dando?
Nesse caminho, tem muitos pensamentos tortos.
Tipo, que está liberado não usar máscara no Brasil, com mais
de 510.000 mortos.
Vendo tudo isso daqui, pelo *Google Notícias*, na minha tela
rachada.
AVISO: Reunião em 10 minutos!
Aguentar “gente grande”, dançando com alguém fantasiado de
corona,
como se fosse piada.
Revolta não poder fazer nada,
e minha única forma de protesto ser uma *tweetada*.
O problema é que não é só a covid. Queimaram uma trans
viva.
Abriram os portões pro vírus e abandonaram o país à própria
sorte.

Se aliaram aos vírus pra montar o gabinete da morte!
Mas tenho que continuar aqui, sentado,
vendo tudo isso nas redes sociais e tentando ser forte.
Quando um problema cessa,
é só uma gota em um oceano de caos.
Continuo aqui, tentando não ser afogado.
Usando aquelas boias de braço,
enquanto uma lancha passou do meu lado.
Mesmo estando 15% vem outra pancada de surpresa.
Estão querendo abrir terras indígenas,
outro genocídio vai sendo garimpado.
AVISO: Sua reunião começará em 5 minutos!
— Putz, essa aqui tá longe de terminar...
Aula de hoje: *Fake News* nos tempos de covid.
ALERTA: 5% economia de bateria ativada.
Isso significa que sobrevivi a mais um dia, que em meio a tudo
isso,
venci mais 24 horas de pandemia.
Resisto, mesmo cansado!
Nesse mar, sabe quando a maré baixa?
Desligando... Dispositivo descarregado.

	Marcos Vieira	São Paulo/SP
	13 anos	@vieira_marcos_08



O Mundo Ainda é Grandioso Lá Fora

A perna inquieta balançava repetidamente debaixo da mesa. Mas ninguém via aquela ansiedade tímida, a câmera pegava apenas o cabelo arrumado e o sorriso desenhado no rosto, ilustrando uma imagem linda, com uma parede branca ao fundo. Os minutos passavam lentos, mas mantinha o sorriso estático durante todo o tempo. Até que a ligação termina e em poucos segundos o som que soprava ao pé do ouvido pelo fone, cessa.

O mundo é grandioso lá fora.

Silêncio.

É hora da solidão entrar sem licença, pela janela entreaberta, e me tirar o ar. O tremor da perna aumenta. Procu-ro uma saída no quarto já conhecido. Torcendo para que hoje suas paredes brancas, com medidas já conhecidas, se expandam um pouquinho e parem de me esmagar. Tomara que hoje a janela se abra um pouco mais para que eu possa ver aquele cantinho da cidade à leste. Quem sabe hoje não surja algum livro novo na estante que ainda não tenha lido. Pode ser que hoje a cama esteja um pouco mais espaçosa do que na noite passada. E que eu esteja um pouco diferente quando me olhar no espelho da tela preta.

O mundo é grandioso lá f... Grito pela primeira vez no dia.

O celular treme na minha mão, avisando novas men-

sagens e me distraíndo dos mesmos pensamentos persistentes. Era um amigo que não falava há tempos.

Tento digitar alguma mensagem mais profunda para contar como tenho passado. Mas agora é cada um em sua casa com sua solidão, e tudo que sai são mensagens vazias do tipo: “Como está a quarentena?”, “Você está bem?”, “Saudades”.

É que falar por meio de uma tela preta parece raso demais.

Silêncio.

O mundo é grandioso lá fora. Não, não pense nisso!


Ouso entrar nas redes sociais? Inundo-me de imagens lindas, fotos perfeitas de pessoas felizes, depois algumas notícias dos novos recordes de número de casos e mortes da covid. Aquele amigo me responde que está bem e devolve a mesma pergunta. Grito mais uma vez, agradecendo as paredes grossas. Será que todos estão ótimos em suas solidões? Será que sou a única que vê o quão grandioso é o mundo lá fora e que continuamos presos aqui dentro? Será que ninguém se importa em se tornar imagem em uma tela e caber ali, em cinco polegadas de tela do celular?

Não cabemos em uma tela preta. Não podemos ser reduzidos a isso.

Sou mais que fotos editadas e vídeos de alguns segundos, com palavras miúdas. Sou também palavrões e imperfeições. Sou testa franzida e feição séria e não só sorriso. Sou mais que mensagens forçadas para ser simpática, sou mensa-

gem grande de textão, de ideias complexas e palavras difíceis.

O celular escapa da mão, caindo em queda livre ao encontro do chão. Mesmo com medo de me abaixar para pegar o celular e não conseguir voltar por tamanha exaustão, levanto-o para confirmar minhas suspeitas: tela trincada, com rachaduras profundas. Encaro-me disforme no espelho preto. Estou estilhaçada.

	Tainá Amador Junqueira	Ribeirão Preto/SP
	16 anos	@tainaajunqueira_



Minha Revolta Não Cabe Numa Telinha

Eu não levo a sério quem acredita que ajuda pelas redes sociais.

Tendo o conhecimento de que tudo que envolve essas telinhas é *fake*, como acreditar na verdade de quem nunca troca uma conversa com quem vem de onde eu vim? Ocupar *feeds* de Instagram, nunca os isentou do racismo, e a tua tela preta não salvou preto nenhum.

Minha revolta não cabe numa telinha. E que ela não seja medida pela dor dos nossos, porque vão faltar centímetros, metros, quilômetros...

A falta de acesso de quem vem de onde eu vim, é gigantesca. Como você acredita que compartilhando tela preta e nos dando seu silêncio de luto, vai mudar alguma coisa? E quem dos meus vai ver seu silêncio, se alguns nem conseguem ter acesso a essa famosa telinha?

Artistas da minha quebrada sem saber o que vão comer nos próximos dias, por causa da pandemia que prendeu todos seus trabalhos, e vocês romantizando pobreza na periferia? E as crianças que não podiam ter uma aula digna?

O acesso não nos foi dado, a mixaria de auxílio parece humilhação, e vocês acreditam mesmo, que subindo *hashtag*


vão informar o mundo todo?

Enquanto *ceis* faziam isso, minha quebrada tava (e tá) no *corre*, pra ajudar famílias de pele escura, feito a noite, que ninguém acolhe. Nosso *corre* é diário, e muito antes da pandemia *nóis já tava* ligado no que era isolamento social.

Ninguém paga o pato e sobra pra quem não sabe nem o que tava acontecendo. Não me vejo na luta de quem não me vê para além de estatística. Meu foco é nos meus, nunca quis ocupar lugar pra curtida.

É por isso que minha revolta não cabe. Ela é grande demais, não se encaixa num quadrado tão limitado por pessoas que não se parecem e não tem a mesma cor que eu.

Eu, os meus e a minha revolta, não cabem numa telinha.

	Breno Luan	São Paulo/SP
	17 anos	@_brenoluan



O Longo Curto Relato de Alguém Que Não Está Nada Bem

Eram duas semanas, e até esse momento a ideia era completamente aceitável, de certa forma, a ideia era até gostosa de se ouvir, o que ninguém esperava é que essa coisa de querer emendar o Carnaval com o Natal se tornaria real, mas o que ninguém esperava era que na verdade, se emendaria Carnaval com Natal, Ano-novo e Carnaval de novo...

O que ninguém, nem mesmo eu, esperava é que talvez o ensino médio não seria tão legal assim, não, calma, tinha tudo pra ser, tudo mesmo, eu tinha as companhias perfeitas pra fazer dessa época, a época mais memorável possível, mas se eu soubesse que eu cursaria praticamente todo meu ensino médio sentada numa cadeira em frente a uma máquina não muito atualizada que na verdade só me dá raiva, eu mesma teria feito uma máquina do tempo e congelado 2019. Se eu soubesse que eu ficaria mais de um ano brigando dias seguidos com a minha irmã, assistindo por horas e horas vídeos com músicas repetitivas em um aplicativo, que na televisão eu iria rever séries, que da tela eu me tornasse prisioneira e cada vez mais refém do meu próprio surto, eu mesma teria comprado todos os equipamentos do mundo e teria feito uma máquina do tempo e congelado em 2019.

Eram duas semanas, e até esse momento a ideia era completamente aceitável, de certa forma, a ideia era até gosto-

sa de se ouvir, mas o que ninguém se lembrava era que o governo mata, que estamos vivendo num imenso e interminável picadeiro, as coisas não são como deveriam ser, está longe de acontecer.

Não vou mentir, eu tentei ficar bem, me empanturrei de compromissos virtuais que talvez eu nem aguentasse arcar, a poesia me manteve viva por todo esse tempo. Não vou mentir, tentei ficar bem, mas o colapso do mundo se tornou colapso mental, e a poesia me manteve viva por todo esse tempo. Tentei ficar bem por muito tempo, mas aceitar que a internet não é tão boa quanto deveria depois de um ano se tornou a melhor opção. Slam on-line me salva, mas eu ainda não senti a energia do abraço depois de recitar do lado dos meus irmãos, depois daqui é a faculdade e eu nada absorvi.

Então resolvi aceitar que eu não estou bem, resolvi aceitar que eu dependo e preciso de muita gente e se eu reparar direito, ninguém precisa de mim, tentei aceitar que se eu não chamar ninguém no WhatsApp nenhuma notificação me procurando eu vou ouvir. Resolvi aceitar que eu não sou nada mais que uma adolescente trancafiada por culpa do atual des-governo e absolutamente NADA está na minha mão. Resolvi aceitar que eu não posso fazer nada além de escrever letras, sílabas, palavras e textos. Resolvi aceitar que o fracasso chega, e o meu chegou internamente. Sabotagem inesperada, a famosa autossabotagem, onde eu me afundo cada vez mais, e a cada dia que passa eu só chego cada vez mais perto do fundo do poço, esse lugar monótono que é minha mente que não cria mais fantasias, não aguenta mais resistir todo dia, esse lugar monótono que está saturado e a cada segundo perde um pouco de cor, esse lugar que há pouco tempo não conhecia e sinceramente eu preferia ter continuado sem explorar, Dora

aventureira nunca foi minha praia. Esse lugar que me prende com todas as forças dessa vida, da próxima também e simplesmente não consigo mais sair, esse lugar que dói e nunca doeu tanto assim.

	Eve	São Paulo/SP
	17 anos	@evesn_



O Último Suspiro

Olá, alma! Escrevo isso para você em forma de súplica, um último suspiro.

Busco me encontrar, vencer minhas lutas, não desanimar, será que a dor é forte demais para suportar? Procuo amor em pessoas sem fundo, somos almas vazias, perambulando no mundo.

A pandemia me conectou ao mundo real, mas me mobilizou para o virtual. Em meio a personalidades me perdi, criei realidades, das quais esqueci, mas nada disso me distrai do maior problema, minha ALMA GRITA! Destruída, pobre e ingênua.

O amor que busco dos meus pais, procuro em sentimentos banais, me saboto e acabo perdido em corpos. Escrevo este e-mail hoje, para você, isso mesmo, apenas para você. Se de alguma forma, pode me ouvir, alma volte, preciso de você aqui.


Vago sozinho nesse mundo vasto, analisando pessoas, percebi que todos temos o mesmo propósito. Acreditar em algo ao limite, é o que mantém cada um sempre firme, se um dia a realidade rompe com seus sonhos, adeus esperanças, perdeu-se o semblante risonho. Mas a luta continua e o propósito muda, sempre buscando por algo que supra a necessidade de nós mesmos, essa necessidade surge como um vício,

e novamente nos perdemos em ciclos e o mundo vai caindo aos poucos ao nosso redor, sem que percebamos, ou façamos algo a propósito, porque não nos importamos com nada além daquilo que pareça suprir o que nos falta.

Alma, peço que apareça, quero me sentir igual a essas pessoas, mesmo que picaretas, pois essa vontade de alcançar objetivos é o que faz com que permaneçam vivos.

Do que adianta estar em terra, se a sua mente já se encontra abaixo dela? Eu rogo a ti, para que não me deixes assim, quero viver as experiências felizes, tristes, com mixagem de emoções, no fim, vou poder dizer que não conquistei nações, mas sim a mim mesmo, que me encontrava perdido em um abismo extenso.

E por aqui termino este e-mail, peço que me ouça, alma dilacerada, esse é o meu último suspiro em forma de súplica, não me deixe aqui, com sentimento de culpa, pelo que fiz com você, te corroí, de forma não intencional e pelas consequências, enfrento agora, meu inferno astral, se te consola, alma inconsolável, estou desolado, precisando de amparo, sem trajeto traçado, meu único desejo é reconquista-la, minha pobre alma abalada.

	Matheus Silva	São Paulo/SP
	17 anos	@henri_mathv



Viver é Privilégio!

Eu já cansei.

A quarentena me faz cansar sem descanso, e eu quase pirei.

Para estudar, uso as telas, para me comunicar com o externo, uso as telas, para o meu lazer, uso as telas.

Talvez, hoje, minha vida já pertence a elas.

Parece que nem meus amigos conheço direito, não posso abraçá-los e isso me aperta o peito.

Gosto de calor humano, me comunicar olhando no olho, mas isso me parece coisa passada, já são dois anos trancada em casa.

Banalizaram a morte e utilizaram a religião como anzol. Agora tá rolando um genocídio no país do futebol.

Sou nova e tenho muito tempo pra viver, mas a vida já virou privilégio, se juntou com uma boa educação nos colégios .

As falhas no sistema educacional não param de aumentar, a quarentena veio para nos provar que a educação não é prioridade no país.

Nos ensinar a pensar os assusta, porque faríamos mais rápido todo o sistema cair.

EAD não funciona em um país em que muitos estudantes não têm acesso à internet, vemos mais uma discrepância nas linhas de partida pro vestibular.

Me fala, assim, como uma criança vai ter motivação pra estudar?

A cidade sem amor era para ter ficado vazia, mas sem auxílio fica difícil para os brasileiros terem comida na mesa.

Arrisca sua vida ou morre de fome, aqui é sem opção, são mais de 510 mil pessoas dentro do caixão.

Famílias desoladas, apavoradas, que perderam pessoas que já podiam estar vacinadas. Tempos conturbados, o ser humano está deixando o mundo em pedaços.

Enquanto isso na internet temos a maior confusão, discutindo quem é “cringe” ou não. Que tal uma união pra discutir como acabar com o preconceito e melhorar a educação?

É umas fita sem sentido, como eu disse no começo, já cansei de tudo isso.

A esperança começou a morrer, e já que ela é a última que morre, é melhor vocês comecem a aprender.

E eu até consigo enxergar um futuro lindo, sem preconceito e geral unido.

Mas vem uma galera para estraçalhar, ensinando suas crianças a desrespeitar.

Neste momento estamos cada vez mais aprendendo, que a internet pode ajudar a espalhar a informação.


Mas tem que ter cuidado, pra não tomar o caminho errado, e geral começar a cancelar.

É assim que começa a hipocrisia, ditando o caminho de todas as vidas, sendo que nem o seu está conseguindo seguir. Vamos parar de olhar mais para o próprio umbigo, se precisar dá um toque nos amigos, pra geral desconstruir.

Precisamos de mais carinho e respeito, trocas verdadeiras, e escolher bem quem é eleito. A vida não é a mesma daqui pra frente, nosso país está sendo um pesadelo pra muita gente.

Nós jovens estamos vindo com tudo, fazendo qualquer coisa pra acabar com o preconceito imundo do mundo.

A pandemia veio como um choque de realidade, mostrando para a nossa sociedade que cada voto tem uma responsabilidade enorme, podendo encaminhar muitas pessoas diretamente para morte.

	Clara Maas	São Paulo/SP
	16 anos	@maasclara



Minicontos do Cotidiano Durante o Fim do Mundo

Produtividade Tóxica

Encarou a tela do computador uma vez mais, piscou, e a hora passou rápido, sabia que tinha perdido o dia à toa, já se passavam das sete da manhã.

Estranhos Animais

Fazia horas que ele estava rodando pelo tapete atrás da própria sombra.

Seu brinquedo luminoso largado no braço do sofá, tocou um som de sino. Ele leu em voz alta.

— Deu positivo.

Começou a chorar, fez o sinal da cruz.

“Humanos são engraçados”, pensou o cachorro.

Realidade Meritocrática

Acordou cedo, colocou o notebook na mesa da cozinha, reclamou da conexão fraca, caiu duas vezes da reunião, não conseguiu ligar o microfone por causa do barulho na casa.

Entrou no horário de almoço mais que cansada. Abriu o celular para distrair.

— Só não consegue quem não se esforça.

Deu risada para não chorar.

Retorno

Esgueirou-se pela cama daquele homem (aquele que poderia tê-lo salvado) com agilidade inumana.

O hálito podre quando disse ao pé do ouvido, a pala-

vra censurada.

- Genocida.

Entrou para a História

Animada com a matéria, escreveu um resumo bem caprichado. A mãe passeou os olhos pelo caderno, indagou:

— Você sabe que morreram muitas pessoas, não?

— Aham, coloquei vermelho para combinar com os números – E ainda completou – Vale ponto na matéria de história.

Calamidade Pública

Ninguém acreditou no que foi dito, desesperados para sair de casa, foram se vacinar.

No dia seguinte, todos viraram jacarés.

Erro de Conexão

Aguardou ao máximo, mas a garganta quase sufocou. Desligou a chamada em um som mudo e digitou uma breve mensagem no grupo da reunião.

“Minha conexão tá fraca”

Foi chorar horrores no banheiro pelo resto do dia.

Saudades

Estava entediada em pleno domingo de sol. Mandou mensagem para as amigas da rua que morava.

“Tô com saudades, vamos nos ver?”

Marcaram de assistir filme, mas a bateria acabou. Ficaram sem filme mesmo.

Falta de Sorte

Pegou voltando do trabalho, num ônibus abafado. Foi ao médico quando descobriu, mas enxotaram para casa: “Não

é grave”, afirmaram.

Uma semana depois precisou ser internado, morreu sem respirar.

— Que falta de sorte.

Enviaram mensagens à mulher dele durante seu amargo luto.

— Não. Foi falta de respirador.

Empatia

Os alunos abriram reunião pela plataforma e tentaram conversar com o professor, dizer que estavam muito sobrecarregados, desanimados, desentendidos, alienados.

— Eu entendo. De verdade, não sou inimigo de vocês. Dez minutos depois, anexou mais três tarefas.

Ignorado(s)

Onze vezes. Foram onze vezes, meu Deus.

(Re)adaptação

Passei uma semana na escola nova. Voltei dois anos depois, sem saber como se estudava, de fato.

A professora exigiu o caderno ao invés do celular. Reclamei bem alto.


— Voltamos para a era das cavernas? O que vai exigir agora, que eu cace um dinossauro?

Gaiola

— A pandemia já acabou, Malu.

Olhei para o lado de fora com receio.

— Não aqui, dentro de mim, mãe.

	R. L. Martins	São Paulo/SP
	17 anos	@Becca_Martins



Por Trás da Tela, Tem Gente!

Na telinha, uma coisa linda,
um sorriso, uma roupa bonita,
como se estivesse tudo bem,
que coisa esquisita.
Por trás da tela, gente triste e sem esperança.
É tão deprimente que minha voz até... cansa.
Mas aparentemente eles gostam disso,
fingir ser quem não é,
inventar uma rotina sem cabeça nem pé.
Onde você já acorda com um sorrisoão,
toma banho, se exercita, café saudável e, é claro,
sempre com dinheiro na mão.
E então você vira inspiração,
um alguém com uma vida perfeita.
É tão certinho que quando você erra,
ninguém aceita,
assim funciona a internet.
E é por meio dela que a gente tem vivido
nesse distanciamento caótico,
onde não se tem nem mesmo
um ombro amigo,
então, não se culpe por não estar sorrindo
ou por não seguir essa motivação doentia que diz

que devemos sempre continuar felizes,
ignorando os enterros...
ignorando as cicatrizes...
Mas... Não!
Tudo bem ficar triste
porque mesmo em lágrimas você insiste
em se tornar alguém melhor,
saindo um pouco da sua bolha,
vendo que tem gente que ninguém nem olha,
percebendo que
enquanto uns fazem o celular de sela,
outros não tem nem dinheiro
pra estar atrás de uma tela,
então cancela
esse jeito absurdo de ver o mundo
e enxerga
que quem está atrás da tela é gente,
gente que sente,
gente que erra,
gente que vai sorrir,
gente que vai chorar
e, principalmente,
gente que tem o poder.
O poder de mudar!

	Laissa Mendes	Ferraz de Vasconcelos/SP
	16 anos	@poetalala_



Um Sorriso Afiado

Mais um dia começa, arrumo minha cama, tomo banho, passeio com a minha cachorra e depois faço o almoço, e quando termino, vou para a escola. Fico lá até anoitecer, quando saio, venho para casa com a minha mãe, ela faz o jantar, nós comemos e depois vamos dormir. Assim era minha rotina, aparentemente, era legal, divertida, mas isso não passa de ilusões, minha presença parece indesejada, com aqueles olhares, tanto das pessoas da escola quanto da minha família. Aquele sorriso tolo, um grande falso, no qual eu afio todos os dias, para parecer honesto.

Tudo muda, os momentos ruins ficam piores, e com eles, veio a pandemia, aquela idiota, ela veio, e com ela, minha rotina na qual eu já odiava, piorou.

Acordo tarde, tomo banho e olho para a minha cachorra louca para passear, mas apenas brincamos. Depois que faço o almoço, minha mãe levanta da cama, e eu, ela e minhas irmãs nos sentamos e comemos, seus olhos parecem vazios, totalmente vazios, e assim que acabam, elas vão embora para os seus quartos. Eu arrumo a cozinha novamente, depois eu vou para a aula EAD, a aula, a bendita aula, da qual não entendo uma palavra sequer.

Aprender? Onde? Eu não aprendi nada, seja em um dia, seja em dois anos. Ninguém percebe que de nada adianta? Que nada disso importa? Que um total de nada eles ensinam? Acho que não.


Quando termina, fecho o computador, e eu, irritada, estressada e cansada, tento parecer feliz em momentos assim, mas não dá certo. Ao anoitecer, minha mãe se levanta e começa a lavar as roupas, obviamente ela me chama para ajudá-la, enquanto minhas irmãs trabalham no computador. Depois de

tudo, nós vamos dormir, o tempo no qual eu fico olhando para o teto branco com algumas luzes que passam pelos buracos da janela.

Nos fins de semana, minha mãe toma conta dos almoços e jantares, e eu fico com a limpeza, mas além disso nos fins de semana, o pessoal da escola me convida para vídeos chamadas, eu não tendo motivo para recusar, aceito, quando eu os vejo, eles parecem muito felizes, dizendo como está sendo maravilhosa a quarentena deles, sinceramente, me dá nojo, e inveja, eles riem, um sorriso muito sincero, e afiado como uma faca nova. Minhas mandíbulas já estão doendo de tanto forçar esse rosto falso, do qual não posso largar, finalmente, quando acaba fecho meu computador, desfazendo minha falsa felicidade, e percebendo que dói mais ainda que minhas mandíbulas. Mesmo não gostando daqueles rostos, mesmo tendo nojo, a escola era o melhor lugar do meu dia, era.

E pouco a pouco, eu começo a enlouquecer, nas pequenas coisas eu começo a observar, e ver aquela cidade pela sacada soa como espinhos em minha pele, como uma sede insuportável por apenas um gole de água, ou como... uma carência por um simples e rápido abraço.

Hoje mesmo, estava lavando louça, peguei uma faca grande, afiada, e fiquei me perguntando, será que se eu passá-la pelo meu pescoço, alguém notará que eu não estou mais aqui? No fundo sei que ninguém perceberia, então rapidamente, eu coloco aquela longa faca ao encontro de minha garganta. E depois de tudo isso fiquei refletindo, parece que aquele sorriso grande e afiado acabou me levando até a morte.

	Lis	São Paulo/SP
	13 anos	@leiry Carly



As Telas Nos Distraem da Realidade

Na quarentena, muitas coisas aconteceram. Posso até dizer que por um lado foi bom, pois nós tivemos tempo para refletir, conhecer mais a nós mesmos e quem se abrigam no mesmo teto que você. Foi bom, porque com a perda, as pessoas aprendem a serem compreensíveis e também são compreendidas. Nós compartilhamos a mesma dor, a mesma tristeza, a mesma alegria e a mesma vontade de que todo esse pesadelo acabe e tudo volte ao normal.

Mas com todos presos dentro de casa, sem poder sair para trabalhar ou ir para a escola, perde-se facilmente a paciência. Surgem brigas e mais brigas, até chegar no controle da televisão, na louça, na demora para varrer a casa. Ao invés dos parentes se aproximarem, eles criaram conflitos. Estava bem melhor quando todos não tinham tempo para a família e tinham que cuidar da própria vida.

O começo foi fácil para os filhos, eles gostavam de estudar on-line pois era bem mais fácil, só ligar o computador ou o celular e curtir a aula. Mas depois, o EAD não estava mais tão legal, as crianças ficavam presentes na aula e jogando no computador ao mesmo tempo. A garota mais velha ouvia o professor enquanto guardava a louça. A lição, que já estava atrasada, era trocada por uma live no YouTube. A postagem do professor que era para ser lida, também foi trocada por


postagens mais interessantes no Instagram. Qualquer notificação que aparecia na tela do celular, era um risco muito grande para tirar a atenção daquele que estava do outro lado da tela. O celular se tornou um amigo e um inimigo ao mesmo tempo.

A garota, sempre que o pai brigava por não ter varrido a casa, subia para o quarto, se perdendo no seu mundinho de fantasia, onde ela podia estar cercada por personagens fictícios e namorados de mentirinha. Ele não entendia que a filha precisava de ajuda, cheia de atividades atrasadas, perdia tempo dobrando as roupas, lavando a louça com água fria, fazendo o arroz para almoçar. Enquanto a mãe, trabalhava o dia inteiro e chegava só à noite, alegrando seus filhos que pareciam tão tristes na ausência dela. O irmão queria ser YouTuber, pois assim ele podia ganhar dinheiro e ajudar, mas é muito difícil ser reconhecido na internet. As crianças se sentiam arrasadas.

Será que o pai não queria brigar? Talvez. Será que a mãe gostaria de sair e passar mais tempo com os seus filhos? Bom, com certeza! Será que as crianças pensavam em se abrir mais para os seus pais? Era fácil imaginar, mas na prática, a vida dá um tapa na cara de todos e mostra que a vida não é um filme de uma família feliz.

Com a triste realidade, quando todos estão com o orgulho ferido ou solitários. Eles simplesmente pegam nos seus celulares e começam a fazer o que mais gostam. A garota com os seus jogos de amor, o garoto com os seus joguinhos on-line, a mãe conversando no grupo do WhatsApp e o pai com o fone de ouvido deitado na cama. Só assim para eles fugirem da triste realidade, da pandemia, da quarentena que nem sequer está sendo respeitada por todos.

Talvez essa família poderia colaborar e tentar se divertirem juntos. Mas para um momento como esse acontecer, todos devem querer.

	Burüna Anjos	São Paulo/SP
	15 anos	@brunamarcelle3




Entre iPhones e a Fome

Pátria amada, genocida;
pior são vocês que elegeram um verdadeiro palhaço,
e olha, que isso aqui, nem se trata do Tiriri...
É que mesmo do outro lado da tela,
dá pra ver que a máscara
escondeu teu rosto e não teu preconceito,
“desigualdade não existe”, né?
Fala isso, então, pro *menó*
que perdeu seu pai pra covid,
mó perrengue dentro de casa
e para completar sua mãe
desesperada sem emprego.
Esse processo que não era lento
ficou bem mais acelerado,
sem uma tela de última geração,
vários alunos, sem condição,
estão sendo abandonados
entre iPhones e a fome,
o luxo e o despreparo.
E ao fazer essa poesia
vi que dias e dias que se passavam,
agora não passam mais;
vivemos o tempo todo,
neste momento, atrás de uma tela

ou caso ao contrário você não existe
e muita gente aí fora em busca de paz.

E assim eu acabo essa poesia,
lutando para que um dia
essa desigualdade não exista.

	Poeta Ryan Senna	São Paulo/SP
	17 anos	@euryansenna



Tela de Vidro

É quase meio-dia,
ainda me incomodo,
fazendo pose pra foto.
Esse é o único momento onde estamos felizes de fato...
Em um frame.
Ontem decidi não gostar de ninguém,
mas vivendo onde eu vivo isso é mais que possível.
Os dados acabam,
mesmo que eu precise.
Eu dependo de uma tela de vidro,
mas me quebro como peso no vidro refletido em mim.

Gostaria de pedir desculpas, confesso.
E prometo pra mim todo dia,
que esse é o último dia no qual eu dependo da tela,
mas quando me vejo, faço anotações sobre minha insuficiência nela.
Eu desisto,
primeiramente de mim, depois da minha própria desistência.
Por fazer parte do que não faz parte do que sou.

Em casa,
descobri de onde vinham as gotas que encontrava quando chegava,
vinham do teto e agora caem sobre a minha cabeça.

Me divido,
só que uma parte fica maior do que a outra.
Me prendo no que eu devia ter falado.

As piadas que eu conto perdem a graça a cada dia.
Não entendo porque preciso cada vez mais de uma tela de vidro,
que me diga que é o momento de beber H2O.
Não entendo,
eu, que pensei sabia contar, não consigo contar quanto tempo
já deixei pra trás.
É que eu tenho tanto tempo,
mas sinto que gastei mais da metade
com uma tela de vidro,
que me diz mais do que eu necessito.

Cansei-me do meu tempo comigo.
Porque percebi que desde sempre dependo...
De uma tela de vidro.

	Nicole Amaral	São Paulo/SP
	18 anos	@ninixs_



Tardo e Falho

Episódios de torturas pelas telas, absurdas.
Mascarados? São comuns nas ruas.
Indignados, mas não é culpa sua.
Atiraram o povo à sorte.
35 mil condenados à morte.

Porções de choros sem medidas.
A contemporaneidade do homem me instiga.
Na sua carteira tem notas sofridas.
De quanto precisa pra valer a vida?

Que as bocas não se fechem, se abrem.
Para que as bocas que propagam o ódio.
Ódio não propaguem, se calem.
Tem tanta revolta na garganta que nem na máscara cabe.

	Noemy	São Paulo/SP
	15 anos	@noemy.zz



AFETOS E RELAÇÕES
GRUPO NEGRITUDES



Afetos e Relações

Tão perto e tão longe ao mesmo tempo. A pandemia não nos permitiu expressar nossos sentimentos em abraços, beijos ou apertos de mão. Tudo ficou resumido a uma tela on-line – isso, para quem tinha acesso.

E, infelizmente, nós, o povo preto, sempre sofremos mais. A mãe preta chora mais, o filho preto morre mais. Mas, mesmo assim, o afeto nas nossas relações ainda resiste. Amamos e amamos muito.

Aqui, nos escritos da Negritude, você vai encontrar nossos amores, nossas dores, nossas esperanças e nossas lutas.



Acalantando o Pa(i)ssado

Junho, 2021

Pai, lá fora há um tiroteio e vez por outra meu corpo aloja uns projéteis aqui no dentro. Algo em mim se estilhaça a cada estampido. Alguns me atravessam e seguem zumbindo e zombeteando pela casa, virados em moscas varejeiras, depositando larvas no alimento, cada vez mais escasso.

Escrevo pra dizer do meu alívio por você não estar vivo. Explico. Não é o que parece. Talvez seja mais o que parece, que evidencia que meu contentamento não é por tua ausência. Se por aqui estivesse, seria possivelmente mais um alvo, justamente porque você não tinha e nem tenho eu, a pele alva que salvaguarda os atiradores da elite. O termo “elite” deveria nomear um grupo de pessoas com nobres pensamentos e ações, mas tem nomeado como superiores os vermes que teimam em abutrirar nossos corpos ainda vivos. Vermes que surgem das larvas depositadas pelas moscas-projéteis mencionadas no início da carta.

Se o tempo é cíclico, que este relato o encontre logo mais ou logo menos, informando um pouco do que vivi por aqui, quando você era ausência e eu resistência.

Há mais de ano não posso, com leveza e despreocupação, encontrar e abraçar a mãe, os irmãos e as pessoas amigas. Há um mal espalhado no ar, transladado nos corpos e transmitido pelo principiar da vida que é a respiração. A transmis-

são se agrava na demonstração física de afeto. Abraços, beijos e carícias são quase letais atualmente.

Isolados e usando máscaras já nem sorrisos trocamos. Se nem era mesmo grande o número de bons abraços antes, agora se parecem com os abraços entre você e eu. Pendentes no varal da memória. Varal revistado pelo tempo, esse moinho de vento, que passa e leva umas peças pra não se sabe onde. A gente sai catando e rememorando, mas ficam lacunas.


Quando você se foi, dois dias antes de eu aqui chegar, essa lacuna se fez eterna em nossa relação. Aquele abraço do Preto Zé no menino Zezinho foi negado. Mas eu, sempre com vontade e imaginação menínica, tratei de forjar nossas conversas sobre não me deixar apequenar. Me ensinei que nossa pele e traços não são embaraços. Que esse cabelo é sinônimo de muita capacidade de pensar e mais ainda de realizar. Com esse nosso picumã a gente faz e desfaz penteados, forma e reforma a expressão, ampara e afaga à cabeça, que quando exausta, deita pra gozar o descanso. Criei nossos afetos e desa-fetos e muito sabidamente soube pedir perdão, fugir das correções, me aquecer e abrigar nos abraços. Quando tive medo de falar sobre as confusões, desejos, paixões e os por menores dos fatos da vida, temi sua negativa à minha condição. Logo tratei de desimaginalizar a rusga que virou compreensão e ao apoio quando me casei com outro moço. Na cerimônia você até o abraçou dizendo:

— Agora você também é meu filho.

Pai, se não tivesse morrido antes de eu nascer, seríamos outras possibilidades. Sobrevivendo a tua ausência, nos imaginalizei com afetos ternos e aconchegantes. Pra me repe-

lir e depreciar já tem muita gente empenhada, não vou somar nessa operação.

Muito do que sou devo a ti e a quem mais veio antes de nós. Quero um futuro mais festivo, por isso estou aqui acarinhando o passado. Preto Zé, no presente eu sou o seu futuro. Um abraço, negão. Amo tudo que fiz de nós.


	Arce Correia	São Paulo/SP
	41 anos	@arcecorreia



Todo Dia

Dias, semanas e meses tentando preservar a vida,
buscando a lembrança de que eu não ando só.
A vida vista pelas redes sociais não condiz com a falta de abraços,
a tela que permite o encontro,
não oferece o tato.
O tempo desacelerou e eu vi o amor sendo semeado à distância,
nos encontros de gente preta
e nos escritos de poetas de todos os tempos.
A distância estreitou os laços da casa e do coração,
o refúgio foi oferecido do amigo ao irmão,
mas o lamento do lado de cá da ponte parece que nunca tem fim,
às vezes, pergunto-me o que será de nós,
enquanto outra vela é acesa em sinal de agradecimento e de proteção.
Sigo afastando as incertezas que já dançam ao lado da ansiedade
e, meticulosamente, calculo em reais o existir,
sem saber o que será do mês que ainda vem.
Eu me distancio dos pensamentos, em cada ônibus lotado
busco um respiro, em cada compra feita no mercado,
parece uma narrativa da vida toda,
com os protocolos e o espaço demarcado.
Não importa a máscara,
a pele exhibe o destino predeterminado,
clareando os objetivos desse país e seu triste legado.
Eles dizem que eu devo aproveitar esse momento para me encontrar,
eu não sou parte do seu faz de conta,
pra mim, é só mais um desacerto pra conta.
Eu não posso parar.

O meu andar é no ritmo da comida na mesa,
quem me dera poder pausar e respirar,
mas vocês não deixam nem a gente sonhar,
por isso, guardo o nome de quem não está mais aqui para lutar.
Esse caminhar num ritmo sombrio e infundável me aflige,
eu temo por mim e por você.
A casa da gente preta que sempre foi lotada,
agora abriga mais um inquilino:
um nó na garganta...
Quando escuto a reza pedindo para que a casa continue cheia.
No bairro, todo dia alguém se vai e sobra o adeus não dado.
A contagem das vidas perdidas segue interminável nos jornais,
já são meses perdendo amores e sorrisos.
A rua ora cheia, ora vazia,
se movimenta de acordo com a vontade de governantes descarados.
Eles não sabem sobre a essência de cada um de nós.
O movimento da vida diminui,
mesmo naqueles que ainda permanecem.
Sobra somente a espera
pelo respirar livre do futuro.
A lágrima que já não sabia percorrer o meu rosto preto,
agora, cessa novamente ao me despedir de mais um futuro in-
terrompido,
outro adeus solitário,
neste luto coletivo e diário.

	Ya Ferreira	Campinas/SP
	29 anos	@yaraferreiraz



Reflexões Pandêmicas

Enquanto Elisa regava o par de vasilhinhos de gérbereas amarelas que enfeitavam a minúscula sacada do apartamento, que dividia com mais cinco pessoas, viu seu reflexo na vidraça defronte e não se reconheceu. Havia envelhecido uns bons anos. A pele, outrora cor de chocolate, parecia desbotada e os cabelos crespos na altura do ombro, ela podia jurar, estavam um tanto murchos.

Tudo isso ocorrera em um ano? Os pensamentos vaguearam enquanto se dava conta de como a vida mudou naqueles meses. Aliás, passado e futuro agora se resumiam a antes e depois da pandemia, respectivamente. Qualquer coisa que se referisse ao “antes”, era colorido de nostalgia e ao “depois”, vinha enfeitado com a promessa esperançosa de um “novo normal”.

Um sorriso carregado de ironia repuxava os cantos de seus lábios sempre que pensava no significado daquela expressão estranha. Para Elisa esse tal “novo normal” soava apenas como uma justificativa tola para tornar as relações ainda mais distantes e impessoais.

Naqueles primeiros meses, acompanhara com certa surpresa as tentativas desajeitadas de alguns conhecidos para estabelecer um contato que há muito se romperá. Chovia mensagens e videochamadas em seu celular como se, pela primeira vez, as pessoas houvessem se deparado com a iminente finitude de suas vidas.

Aquilo – para seu alívio – não demorou a rarear, restando apenas os contatos verdadeiros e preciosos de quem sempre se manteve presente de alguma maneira. Estar presente, mesmo que distante, era sim um desafio. A pele carecia de

contato humano e as conexões virtuais jamais substituiriam isso. Entretanto, Elisa temia que conforme o medo do vírus se esvaía, mandava embora também o bom senso, e assim, velhos hábitos e problemas retornavam. Ou nunca foram embora?

Dividir um apartamento com tantas pessoas, além de apertado, agora era potencialmente perigoso, ainda mais quando se observava as ações de quem não estava nem aí para o bem coletivo. Quem dizia que “pela primeira vez na história da humanidade todos estavam no mesmo barco” desconhecia a luta e o sofrimento da população preta e pobre que, mais uma vez em desvantagem, era a maioria entre os números publicados de maneira tão fria, tão desprovida de afeto.

Como se não bastasse a batalha diária pela sobrevivência, ainda tinham que se preocupar com aquele vírus que, em sua passagem, deixava órfãos, viúvas, dizimava famílias inteiras. Os números percorriam sua mente e a faziam imaginar as suas histórias, os amores interrompidos e outros tantos laços desfeitos.

Elisa voltou à realidade ao mesmo tempo em que uma torrente de lágrimas irrompeu por seu rosto. Olhou para os vasos encharcados de água que não se dera conta de ter derramado. De repente não sabia se estava chorando pelas mortes, por sua solidão sufocada ou pelas flores que acabara de afogar.

	Priscila Brito	São Paulo/SP
	32 anos	@apriscilabrito



Eles

Eles estão chegando,
de murro em punho,
e nada a perder.

Eles estão chegando,
antes chamados de Capitão do mato,
hoje milicianos intitulados.

Eles estão chegando,
disfarçados com fardas,
sem máscara, de fato,
e apoiados pelo Estado.

Eles estão chegando,
com bala de borracha,
atacando quem quiser, por desacato.

Eles estão chegando,
talvez nunca tenham ido embora de fato,
sempre estiveram na espreita,
só estavam esperando
o momento político apropriado

Eles estão por aí,
fortalecidos na pandemia,
e sendo convocados,
chamados para matar
qualquer caboclo, preto, mulato.

Sim, eles chegaram,
eliminando tudo que atrapalhe
o então racismo estruturado.

Seu dever é proteger a todos,
mas eles perseguem muitos
e protegem poucos.

O *slogan* não se perde
de tanto a gente falar,
quem sabe um dia interpretem
o “pare de nos matar”

	Claudia Walleka	São Paulo/SP
	40 anos	@claudia_walleka



Desabafo de Mãe Preta

A minha vida não é minha.

É sua.

Desde o momento em que te conheci,
do momento em que te concebi.

Aliás, ela é sua,

desde que eu soube que você habitava meu ventre.

Meu filho,

todos os dias

quando te vejo sair por aquela porta,

faço uma prece para todos os bons deuses que conheço,

e, também, aos que desconheço

para que, ao anoitecer, eu possa sentir o calor do seu abraço
novamente.

É coisa de mãe? Pode até ser.

Mas, sabe meu filho,

quase todo dia quando eu ligo a TV,

vejo um rosto jovem que poderia ser você,

vejo uma mãe aos prantos que poderia ser eu,

vejo dor,

vejo sangue e dor.

Então, meu filho,

bendito seja todo o “mãe, cheguei”

que eu ouço da sua voz,

benditos sejam todos os momentos que passamos juntos,

todas as vezes que meus olhos puderam encontrar os seus

e,

que Deus me perdoe,
que todos vocês me perdoem,
que você, meu filho, me perdoe,
mas, apesar de toda dor e sofrimento
que essa doença trouxe
e continua trazendo,
todos esses meses que você esteve dentro de casa comigo
foram, talvez, os únicos meses que eu pude dormir
com uma preocupação menor.

Porque
tendo você debaixo da minha asa,
tendo você dentro de casa,
eu sinto aquela sensação
(talvez, falsa sensação),
de que você está protegido.

O mundo é cruel, meu filho,
por me fazer ver um lado “bom” em um cenário de dor.
Sim, não acho que eu seja cruel ou egoísta.
Cruel e egoísta é o mundo.
É essa sociedade,
que me faz ver lado bom na pandemia, meu filho,
por causa da nossa cor.

	Maria Clara Martins	Pindamonhangaba/SP
	19 anos	@perfectclarita



Mais um José

O homem caminha pensativo, sacolas de mercado em mãos, cruzando a praça, rumo a seu prédio. Há um vento gelado que faz carícias em seu rosto e mãos.

Ele anda distraído, pensando em contas que pagará ainda hoje e em seus filhos, já crescidos, mas que muito brincaram nessa praça, como ele mesmo também havia brincado. De repente, ele nota. Não, de repente ele é levado a notar. Quase tropeça num carrinho de brinquedo que foi atirado em sua direção. Ao que repara: uma das crianças, sentada bem próxima de onde ele havia parado, é ele. Não metaforicamente. A criança é de fato ele. Com seu macacão amarelo de aviõezinhos azuis que ele tanto chorou no dia em que tentou vesti-lo e já não cabia, e o chinelinho marrom imitando couro. A pele escura e o cabelo cortado rente, como até hoje. Não há espaço para dúvidas. Sim, é ele mesmo aos quatro, talvez, no máximo, cinco anos.

Ele brinca com o carrinho amarelo que, ele lembra vividamente, tinha uma boneca rosa de motorista e que ele ganhou de sua irmã mais velha, quando esta voltou de viagem e trouxe de presente o brinquedo, que o foi entregue com um meio sorriso onde se estampava a intenção de não o agradar. A relação com a irmã sempre fora de gato e rato. É ele mesmo, não duvidava.

Em momentos assim, é como se o tempo parasse. O homem, imóvel, sabe-se lá por quanto tempo, olha para a criança que foi.

Há uma pandemia que já perdura uns dois anos e que levou, há pouco menos de um mês, um de seus filhos. Era um moleque teimoso e muito confiante em si mesmo que tentou

ignorar inimigo mais forte e acabou por perder uma luta que seu pai cansou de pedir que evitasse.

Parado, olhando para si, o homem reflete sua vida inteira. Fora criança, jovem, trabalhador, tivera mulher e filhos e agora, muito repentinamente, percebe-se um velho que, cauteloso, só sai de casa para ir ao trabalho e somente agora sonha vir a realizar os sonhos que um dia a infância o incentivara a sonhar. Sabe que logo chegará em casa, que estará vazia, e que há tanto que queria dizer a si mesmo mais novo, para evitar tantos erros, mas que não o fará por medo de quebrar o encanto de momento tão mágico.

A criança logo se distrai em pensamentos e brinquedos infantis e o homem vai ao seu encontro, passa a mão afetuosamente em seus cabelos, abraça-a fortemente e segue para casa, olhos encharcados de melancolia.

Nesse mesmo momento o telefone de sua filha toca. Depois de 21 dias internado, José havia feito sua passagem.

Era agora mais um corpo negro no Brasil, vítima da Covid e do descaso do Estado. E era também José Viana, a criança que ele havia sido, os sonhos que ele adiara e o muito que ainda lhe restava viver, mas não houve tempo.

	Renata Mene	Guarulhos/SP
	26 anos	@arenataque



Na Janela Há Primavera

O conhecimento
tem suas faces.
O toque no rosto
já não nos diz
quantas máscaras escondidas,
tampando feridas
nele está exposto.

De repente, o tropeço
caiu de cara no cimento,
teve a pele esfoliada
e o rosto esculpido.

A massa já tem,
mas o que você constrói?
Sua estátua
ou a sua lápide?
Viver trancado
me expõe a situações
que me deixam confortável,
mas seria louco pensar
que o conforto do meu colchão,
na teoria, seria a mais perfeita prisão?

É nele que desconto minha fúria.
É nele que me escondo

quando a saudade invade,
é ele que guarda
a minha história mais íntima,
mas também a minha vaidade

No final de tudo, onde me deito
tem sido o meu afeto,
por mim mesmo,
quem me suporta
e quem me ajuda,
mas sem perceber,
nele existe uma porta
que foi trancada
para quem vem de fora.

Já faz um tempo
que não levo sol na lata,
aliás, aqui o sol nasce quadrado,
e eu nem mais me arrependo
pois estou seguro, não é?

Aqui é o império de um só,
eu mando, eu faço,
eu obedeço.
Olha só que mundo perfeito,
às vezes, até bate a carência,
mas com meio dia de série,
acho que passa.

Às vezes, me sinto triste,

mas meio fardo
deixa qualquer um feliz,
não é?
De vez em quando,
até tenho umas paixões,
mas no final de tudo
sou só eu
acordando e admirando
o sol pela janela.

Preso em um quarto,
mas já nem me importo.
Não tem nada que me prenda
lá fora.
Tudo o que posso ter
está aqui dentro


Por essas e outras
afirmo, me perdi no tempo.
Mais velho, mesmo, sendo tão novo.
Ou menos humano
e mais robô?

Há tempos não enxergo
meu ponto positivo,
olho pra dentro de mim
de um modo muito crítico.

É como se fosse a primavera
repleta de Flores, aromas,

cantar dos pássaros,
toda uma vida em volta,
mas se preocupa
somente com o ruído,
o cheiro que deixa
o nariz entupido
e reclama da ventania
que traz boas notícias.

Uma segurança descabida
pois tudo que é ruim, sai na mídia,
mas tudo que é bom
se o Vento não levou
a memória, passou para o papel
e assim, cá estou.

	Matheus Cruz	São Paulo/SP
	22 anos	@g0dr3am



Renascer

A coragem é um ato de ação que nos impulsiona a decidir o que o coração já sente.

Quando perdemos alguém próximo para essa pandemia, a vida nos convida e exige uma pausa. A morte pelo coronavírus é um sentimento misto. Raiva de um sistema que nos mata e nos faz reféns e tristeza por aqueles que lutaram até o fim. Foram 29 dias de luta antes do corpo não suportar mais viver em Terra.

Quem nos ensinou a não falar sobre a morte?

Essa pergunta ecoou muito forte dentro de mim com a passagem do ancestral em Terra, meu Pai. Ao olhar sua trajetória na Terra percebi o quanto seu coração foi a beleza da vida. Sentir e ser o que se é. Quem teve a honra de conhecer a sua história soube e sentiu muito bem o tempo de dor que ele viveu, mas por instantes, Painho, esqueceu quanto amor ele cultivou a cada pessoa que ele encontrou no caminho.

Porque sempre escolhemos a dor, o medo, a culpa? Quem nos ensinou que a vida em Terra é sofrimento e que tudo é um fardo?

Não tenho respostas prontas para essas perguntas. O que dói saber é que a base de um sistema corrupto ceifou mais de 510 mil vidas. Uma delas foi quem me trouxe ao mundo. Como apenas aceitar se em nossa mente sempre pensamos... Como poderia remediar?

Quando o vírus chega perto de nós a dor é triplicada. Há uma tristeza coletiva, a ansiedade por receber apenas um telefonema para passar o boletim e o medo de receber aquela li-

gação e ouvir... infelizmente ele não resistiu aos problemas que a Covid-19 deixou em seu corpo. Jovem, sonhador e realizador. Esse era a tríade que ele carregava, 65 anos de amor. Para esse momento escuto diversas justificativas... Uns dizem que é uma limpeza astral. Outros dizem que chegou o momento... mas, eu me pergunto: “Meu pai era um homem de fé. Onde está Deus agora?” Confesso que a raiva me tomou antes da tristeza fazer morada.

Meus caros e minhas caras, compartilhei acima a dor de uma filha que perdeu o Pai... Em meio ao caos interno... ela sonhadora como seu pai, acredita que a felicidade é viver no coração. Não transcrevo aqui as falsas felicidades das redes, do sorriso e do coração partido por trás da imagem. Afinal, estamos em uma pandemia, e é louco viver em meio às crises de ansiedades e o medo apavorante de ser a próxima vítima. Quem será a próxima vítima? Eu ou você? Eu não sei.

Renascer requer coragem para olhar a sua escuridão e saber que por meio dela vem a luz. Isso não quer dizer que precisamos matar ou morrer em corpo. Observamos-nos, vivendo um ciclo de morte e vida o tempo todo. Somos cíclicas.

Qual a sua escolha a partir de agora?

No meu peito há tristeza, dor e luto, mas uma saudade que me fortalece e me faz crescer a cada dia. Crescer dentro, requer coragem para sustentar quem se és. Renascer é o que nos resta em tempo de caos.

	Laísa Costa	Salvador/Bahia
	35 anos	@laisagcostaa



No Meio da Pandemia

E no meio de uma pandemia, tive que me preocupar com a melhor máscara.

A mais segura?

Não, sobre a cor que iria usar.

No meio da pandemia, tinha um medo.

Do Corona em si?

Não, dos altos índices de desemprego.

No meio da pandemia, ainda levo a nota fiscal.

Por que esqueci de jogar fora?

Não, para não ser acusado de furto ao ir embora.

No meio da pandemia, segue o ônibus lotado.

Todo dia me pergunto:

E se eu não tomasse mais cuidado?

No meio da pandemia, tinha a segunda jornada.

Arruma, limpa, passa.

E aí de mim dizer que estou cansada.

No meio da pandemia, admito:

Às vezes tinha um afago,
sufocado pelo “talvez”

de um dia não mais tê-lo do lado.

E, no meio da pandemia,
Teve e surgiu um adeus.
Por conta da própria, ela
levou mais um dos meus.

No meio da pandemia, segue a minha solidão.
Tá, quem segue a OMS também está sozinho,
ainda que sejamos uma multidão.

No meio da pandemia, pensei em cortar o cabelo.
É que emprego tá mais difícil ainda,
imagina só o desmantelo?

No começo da pandemia, disseram que a humanidade ficaria
melhor.
Gratiliz pra todo mundo!
Como minha mãe diz: “eu não sou todo mundo”.
E, por isso, a coisa pro preto ficou ainda pior.


Junto com a nota fiscal que guardo,
guardo também a ilusão
de que a vida preta importa.
Importa pra quem, irmão?

No meio de uma pandemia, eu tenho ainda mais coisa pra

carregar.
E olha que nem falei de tudo.
Imagina o relacionar?

Como se fosse novidade,
o lado mais frágil, novamente, é o nosso.
Por isso me escondo quando dá.
Não fortaleço esse negócio.

Que negócio seria esse?
O projeto de nos matar, claro!
Queria que sobrasse só um tempinho
para poder pensar em amar.

	sabrina.poesia	São Paulo/SP
	25 anos	@umasabrinapoesia



Levarei o Que Resta de Ti

Os dois aguardam do lado interno do cemitério. As frases iniciadas são rapidamente interrompidas, pois o medo de serem ouvidos paira no ar. Aos poucos os familiares do falecido começam a chegar para o velório. Mas não haverá velório. O morto faleceu de Covid. O silêncio do bosque da saudade é interrompido pela reza do padre. O ritual é o estopim para que aqueles que o amam possam expressar seu pesar. Antônio é o único que não chora.

O cortejo fúnebre é atravessado pela presença de Antônio que carrega com seus braços fortes e cansados o ofício de coveiro. Ninguém se atreve a tirar os olhos do padre, que neste momento asperge sobre o caixão água benta e sálvia, uma intercessão para que os anjos e santos acolham aquele que em vida ouviu que não herdaria o reino dos céus. O coveiro, a postos, aguarda a hora em ele poderá aproximar-se pela última vez do corpo de Sérgio.

Entre frases soltas e piadas banais, Antônio, auxiliado por outros dois agentes funerários, vislumbra diante de si o corpo não visível do morto. Não era a primeira vez que ele via algo que ninguém mais podia ver. No meio da multidão de carnaval, o frenesi. Entre o carnaval e Quarta-feira de Cinzas reside o corpo, o desejo e da ausência deste, o tédio. Fora assim que os dois se conheceram numa noite fria de carnaval e permanecera assim juntos, em segredo.

Eis, que do alto do sol poente um grito de guerra é deflagrado. São dezenas de corpos desnudos a atravessar o


gramado do cemitério na direção do coveiro. Do lado de fora da marcha tudo transcorre igual, os familiares do morto vivenciam o luto, dando a impressão de que Antônio é o único que vê o grupo, que avança com afinco, cada vez mais alegre. É Sérgio quem lidera o festim.

Em seu ofício o suor disfarça a lágrima e o brilho negro de sua pele mescla o cinza da perda, com o vermelho amargo da existência, que permanece. É Sérgio! O coveiro solta a pá e caminha ao encontro do morto. Mas não há ninguém ali. O frio da madrugada desperta seus sentidos.

Acordado decide por reunir o que havia restado de si e dele. Pegou o tesouro herdado de sua avó, uma pequena caixinha com uma flor lilás na tampa e, nela, depositou o que possuía de mais precioso, o afeto e as boas memórias de Sérgio.

Vestindo seu sorriso mais verdadeiro, compreensivelmente desbotado pela ausência que sentia, rumou para zona norte da cidade. Som de campainha. Poucos segundos depois, Helena, a mãe de Sérgio, é surpreendida com a figura de Antônio, belo e esguio, estancado diante de sua porta segurando um retrato de seu filho amado.

A expressão da morte é a vida e da vida nada mais resta de significativo do que o amor. Num gesto simples, Helena se aproxima de Antônio e o abraça. Ela recolhe o que havia de si e dele e deposita na caixinha de tampa lilás.

	Vinícius Mendes	Campo Limpo Paulista/SP
	26 anos	@vi2ne



Tempo, Fique Um Pouco Mais Aqui

Antes, tudo era a falta de tempo,
ou aquela falsa ideia de o ter.
O que parecia apenas um rumor,
agora são lágrimas por um parente que se foi.

Não posso dizer que tem sido fácil.
Cada novo dia tento manter a esperança.
O coração ainda se mantém vigilante,
fazendo uma prece pedindo proteção.

Quando a correria do dia a dia vira passado,
você percebe que é preciso refletir,
será mesmo que ela existiu, foi real,
ou era algo que inventamos sem perceber?

Tenho pensado mais nos momentos em família,
do cheiro maravilhoso de café, na cozinha de minha vó.
Da gritaria dos primos nas partidas de truco,
que a cada fim de semana lá, nos reuníamos para jogar


Sinto falta de estar sentada no banco da igreja,
de observar as famílias chegarem aos poucos,
de ouvir a explicação que o padre fazia da leitura,
enquanto as crianças brincavam pelo corredor.

De ouvir o som da sanfona de meu tio,
enquanto a família alegre proseava,
da bandeja com churrasco, indo de mesa em mesa,
e das sobremesas gostosas que inventavam.

Apesar de toda notícia ruim que recebi,
tenho persistido em continuar em pé,
preciso ser o sorriso que meu filho vai ver,
preciso ser a força que o fará acreditar no futuro.

Não digo que o medo se foi,
ele tem sido algo recorrente nesse momento,
mas eu quero continuar tentando,
que apenas amor e alegria transbordem de mim.

Só desejo que tudo que é ruim se vá,
e que eu aprenda a dar o valor ao que importa,
desejo que venham dias melhores,
eu só quero mais tempo, se não for pedir muito.

	Mendes Moreira	Campo Limpo Paulista/SP
	29 anos	@danny_2john



De Repente...

De repente,
a minha janela se tornou aquela amiga que eu posso contar os
maiores
e melhores segredos.

O céu não responde às minhas perguntas,
mas sei que tudo se tornou mais leve
desde que firmamos essa relação.

De repente,
eu descobri que a minha casa não é tão minha assim.

Nem toda casa é lar,
ser lar é difícil, né?

Acordo todo dia, escolhendo estar perto de quem eu amo
mas aqui, escolher não é suficiente.

Só peço que isso acabe,
se tornando quase um mantra:
“que seja logo, que seja logo”.

A resposta disso tudo vem no fim da noite
com sussurros de: “tá sendo longo, tá sendo longo”.

Por falar em saudade, eu sei onde andam meus afetos,
é com eles que me preocupo todos os dias.

O medo da perda me acompanha,
me persegue,
permanece.

Já perdemos muito, né?
eu perdi...

Mas não perco a conta,
já que não são apenas números,
são pessoas reais,
sonhos reais.
vida real.

E eu não esqueço quem anda comigo,
não esqueço quem corre comigo,
não me esqueço.

E nesse gesto singelo de lembrar,

Fico com meus ancestrais, soprando em meus ouvidos
as mais belas mensagens,
na tentativa de trazer força para os dias difíceis,

Fico com as crianças,
o almoço de domingo que agora não cabe tanta gente assim,
abraço virtual.

Fico com saudade...
a saudade que virou casa aqui dentro do peito
se fez lar.

E eu fico aqui, com o afeto guardado.

Nutrindo todos os dias
na esperança
ou desesperança
de uma boa colheita.

Digo que viver é bom,
apesar do caos,
você acredita em mim?

	vichistórias	São Paulo/SP
	20 anos	@_viic



Onde Mora o Eu?


O reflexo das muitas janelas pelas quais olhei durante esse período devolveram-me uma imagem com poucas alterações, mas com transformadas linhas de pensamento, sensações e nomenclaturas. Mudei de casa três vezes durante a quarentena, e meu corpo acompanhou a movimentação do tempo, me permitindo experienciar o que de fato fazia com que me sentisse em casa: estar comigo mesma. Interpelado por mudanças e sofrimentos a níveis mundiais, meu corpo foi o casulo no qual pude imergir em momentos de introspecção e autoconhecimento. Encontrei novos sonhos, novas frustrações, novas formas de me divertir. O isolamento social me impôs uma outra rotina, outra maneira de contato com o mundo. Não sair de casa e fazer coisas simples, como pegar ônibus, andar na rua tomando sol, chuva, vento e assistir a vida acontecendo, estar em ambientes diferentes, me colocando em perspectivas diferentes, me fez perceber como nos acostumamos ao ritmo do dia a dia e que as mudanças, mesmo que caóticas, são novas possibilidades para nos atentarmos a coisas não vistas, cuidar de partes negligenciadas, criar atitudes e conceitos para coisas que antes não precisávamos.

Acredito que a lente que criamos para conseguirmos lidar com as coisas dentro de nós mesmos moldam o mundo ao nosso redor e vice-versa, num eterno diálogo. Diante da reclusão e de um misto de sentimentos, me abri para ouvir e

ler pessoas que traziam diferentes jeitos de enxergar a vida, pessoas que eu não conheço, de lugares distantes, pessoas que já se foram, mas que deixaram com a gente suas sensibilidades e ponderações em forma de sementes, cuidadas com o tempo da experiência. Pude, assim, recriar minha lente sobre a essência das coisas, sobre como eu tatearia o mundo e de que forma eu marcaria a minha existência, pensando que as impressões são mais voláteis e dúbias do que imaginava. Pude criar uma outra relação comigo mesma. Fiquei longe de muitas pessoas que amo e precisei amar muito mais a pessoa que eu sou, pois estar comigo me fez perceber ciclos bons e destrutivos, tive que desaprender várias coisas sobre mim e sobre as relações para conseguir viver de forma saudável.

A cada vez que me coloquei sentada, em completo silêncio, só eu e minha mente bagunçada, consegui me compreender mais e enxergar o caos que havia me prendido para ter o que chamar de eu. Me observei nos meus padrões de comportamento e pensamento e, como efeito, de que forma minha sensibilidade estava sendo influenciada por isso. Pude encontrar formas de me cuidar, de me colocar no colo quando eu precisasse, de encontrar a voz no meu âmago que continuava me encorajando, enquanto meus medos e minhas dores gritavam para que eu desistisse. Foram momentos esclarecedores e ambíguos, de angústias, questionamentos, alívios e tomadas de decisões. Tive que me colocar como ser ativo para não sucumbir aos acontecimentos ao meu redor. Estar diante de si mesmo não é tarefa fácil, dá medo, dá vontade de fugir, de não olhar, não saber, dá vontade de culpar qualquer pessoa, e por isso é tão transformador. É sair do conforto, é quebrar o automatismo, questionar o inquestionável. Pular do penhasco

e o fim parecer nunca chegar, e nunca chega, mas seu corpo ainda está lá, em queda livre, sentindo a potência do ar invisível o pressionando. É o processo da vida que não tem volta, parece que uma parte enorme de você se dilacera com o vento e, mesmo assim, você ainda está vivo, experimentando tudo.

	Giovanna Pina	Caçapava/SP
	23 anos	@pinasgiovanna



Depois de Um Ano

Depois de um ano, ainda observo o pôr do sol do quintal de casa.

Ainda sinto o medo percorrer meu corpo, mas esse medo não é de agora.

Olho meu reflexo no espelho, vejo Deus em depressão.

Diferente de Baco, não o ajudei em suas crises.

Também vi Deus me acalmando, às cinco horas da manhã.

Era minha irmã, envolvendo-me em teus braços, durante uma crise.

Depois de um ano, ainda tenho medo de colocar meus pés do outro lado do portão.

Digo a minha irmã que tenho medo da morte, mesmo estando cansada da vida.

Confesso que tenho medo desse vírus que levou milhares de vidas, empregos, sorrisos.

Sei que algum momento a pandemia vai acabar, mas tenho a sensação que esse medo continuará, ele não é de agora

Depois de um ano, percebo que a relação com meu pai continua escassa.

Vejo no olhar dele uma parte do meu medo.

Tento me aproximar dele, mas sua casca é grossa, antiga.

Não deixa os sentimentos passar.

Quis que ele me acolhesse quando descobriu que no futuro eu não casaria com um homem.

Queria ter sido acolhida com afeto, palavras bonitas, mas recebi palavras afiadas como uma faca.

Nossa relação continua vazia.

Depois de um ano, me vejo em minha mãe, ela também possui uma casca grossa com algumas rachaduras.

É por elas que minhas raízes conectam-se com as dela.

É por elas que ofereço aconchego.

Que conheço suas pequenas vulnerabilidades.

Por elas percebo o quão parecidas somos.

Acho que ganhei na loteria.

Depois de um ano, ainda vejo minha irmã me acalmando, não durante as crises.

No começo desse caos, percebi o quanto ventania ela é, vi suas lágrimas caírem na partida de uma pessoa querida.

Aquela pequena rocha esmoreceu em meus braços, fui acalanto para aquele pequeno barco furado.

Depois de um ano, continuo acompanhando as notícias.

Graças à tecnologia, vi a morte de mais um preto sendo gravada, vi pessoas indo às ruas em plena pandemia, pedindo por justiça.

Percebi que o medo do vírus era menor do que o medo do racismo.


Não sei se para você faz sentido, mas sempre fez para mim!

Acredite, a falta de um pouco de equilíbrio mental abriu caminhos para a entrada de seres incríveis em minha vida.

E ainda lembro a fala de uma irmã preta:

— Kellyanna, não vou soltar a sua mão, porque no futuro, você vai segurar a mão da minha filha e ela da sua filha.

Por isso e por outros motivos rezo para que cada encruzilhada que nesta vida eu cruzar, EU continue sendo protegida.

	Kellyanna Vasconcelos	São Paulo/SP
	24 anos	@heykellyta




O Outro Começa Aqui

Recuso-me a acreditar que o distanciamento social seja algo ruim, na verdade penso que é o momento de maior clareza, tempo de reconhecer em quais tipos de relações estamos envolvidos, quais atitudes tomamos perante o mundo e quais as consequências destas que não temos consciência. Se observarmos com cuidado, o excesso de convivência gera a desonestidade, acabamos nos relacionando por obrigação, a casa e o trabalho são normas sociais, que não nos favorecem por inteiro. Retire tudo o que está ao seu redor, minimize as influências ao mínimo necessário e verá que as coisas que você deseja e pensa não passam de hábitos do seu pensamento, reforçados constantemente pelos lugares e pessoas que os cercam. É somente no solilóquio que identificamos nossas verdadeiras pulsões.

No mais, as pessoas mais próximas de nós são as mais perigosas, elas moldam inconscientemente o que iremos ser, pois tudo aquilo que vivenciamos com frequência se torna verdade – mesmo não sendo – e se manifesta no futuro. Sendo assim, quem são as pessoas que estão ao seu redor e o que elas dizem sobre você e sobre a vida?

Com esse tempo em casa e sozinho, passei a acreditar que não existe relação verdadeira com as outras pessoas se não temos uma boa relação conosco. Quando você se sentia vazio houve uma multidão que o completou? Ou será que você nunca se sentiu sozinho mesmo com alguém do lado?

Da mesma forma que sou feliz, antes de qualquer presente, ou triste, antes do primeiro golpe, tudo ganha forma primeiro dentro de mim e apenas se apresenta para o mundo. Sim, ainda sofro alterações – pois estou vivo –, porém, por mais instável que as situações possam ser, nosso destino está muito mais em nossas mãos do que imaginamos.

	Víctor Nkem	São Paulo/SP
	23 anos	@frustradamente_



Segunda Onda

Maíinha, que Deus a tenha, dizia que a vida dá voltas. Dá volta não, Maíinha, dá tontura. Quando penso que há um ano eu cantava numa churrascaria pequena de Wuhan, tenho tontura. Eu não estava pronta para uma turnê mundial, mas não podia deixar passar essa oportunidade. Primeiro foi Itália, depois Londres e E.U.A. O mais marcante para mim foi a Itália, a semana de moda foi um arraso, só tenho a agradecer a Gilda, pelas unhas de porcelana, ao Cacá, pelo stylist, a Andrea, por me apresentar a cidade e, um agradecimento especial, ao Vicente pelo after.

Em Nova Iorque, eu fiquei tonta, com neons, arranha-céus com vidro espelhados, lá em Wuhan, tem muito também, e eu achava cafonérrimo, mas em Nova Iorque é status. Na minha primeira noite eu fiz todos clichês: me banhei na fonte de Friends, bebi Cosmopolitan num restaurante chique e na última noite, fiquei presa em uma loja de conveniência de shopping. Thanks, Trump.

Foi o Trump que me apresentou o Presidente do Brasil e o ministro da cultura. E eu devo muito do meu sucesso ao Brazell! Esse povo lindo, acolhedor, sexy. Pro futuro? Vem coisa boa por aí, mas não posso falar sobre, mas posso adiantar que vem uma turnê grande, um documentário para Netflix e um montão de hashtag. Acho que hoje, se eu voltasse no tempo e pudesse dizer algo a mim mesma? Eu diria: se expressa, sem medo, só vai. Agora eu vou responder algumas perguntas e depois eu vou desligar, tá?

	Henrique Lima	São Paulo/SP
	37 anos	@lima.henrique



A Gente Se Vê Qualquer Dia

O ano é de pandemia,
a máscara segue no rosto,
o temor ocupa a alegria,
mas se pudesse eu te abraçaria.

Lembro-me daquele dia,
que seu black descansava em meu rosto
e sua presença me trazia bom gosto,
se pudesse eu te abraçaria.

O isolamento nos distancia.
O tempo nos enfraquece.
A espera nos entristece,
e não sei se eu te abraçaria.

Tenho que cuidar das minhas feridas,
superar toda essa agonia,
Deixada pela pandemia.
E esse é separar de nossas vidas,
Mas quem sabe a gente não se vê qualquer dia.

	Edgard França	Taboão da Serra/SP
	22 anos	@kicyclex



A Cidade Não Dorme aos Meus Olhos

Nenhuma rua é um lugar seguro, depois das oito da noite nenhum espaço tem meu nome ou meu rosto de mulher negra. O caminho de volta até a casa é mal iluminado, sempre foi, mas onde antes ficavam pequenos comércios, hoje são tetos para aqueles que por algum motivo perderam a segurança de suas casas. Espaço modificado por um vírus que conhecemos apenas a forma e o nome, a origem disso tudo ninguém conseguiu me apontar exatamente. O começo de tudo, o fim de muita coisa.


Voltar para a casa tem sido o acalanto do cotidiano, mas também o exercício de calma e valorização do ar. Respirar aliviada tem sido menos recorrente, prender a respiração para sentir o alívio de estar viva já faz parte de uma ansiedade instaurada na corpografia da cidade. Sinto que minha relação com ela mudou profundamente, antes ela nunca dormia, e agora os olhos fechados são os bares e os mercadinhos que não resistiram, por motivo de morte de alguém ou pela quarentena. Resistência é estar de olhos abertos e portas fechadas. Isso não tem lá um significado tão poético assim.

Para que as pessoas continuem recebendo delivery em casa tenho três sobrinhos que todos os dias correm a cidade de moto fazendo entregas, meus irmãos continuam trabalhando nos supermercados, é quase uma tradição da família que chegou aqui há menos de 5 anos. Eu, trabalho há 9, na

casa de uma família do outro lado da cidade. No começo eles acabaram me deixando em casa, mas depois, com isso de fase vermelha, tive que voltar para a rotina de três conduções.

Quando a pandemia começou a chegar perto da gente que viaja horas pra ir trabalhar, o medo foi grande demais, pegar ônibus lotado sem saber se alguém ali estava doente fazia faltar o ar e aí logo pensava “pronto! tô ruim também”. Enquanto a cidade ainda dorme pra muita gente, eu já acordo com as preocupações do dia entupindo a cabeça, mais cheia que o ônibus. Têm semanas que a gente já não encontra as mesmas carinhas na condução, isso tem sido a parte mais triste, às vezes, a gente fica sabendo da morte de alguém que a gente gosta por esse covid, do nada, mas tem sido tão comum que o susto é cada vez menor, o corpo está até meio anestesiado.

Precisar arriscar a vida pra garantir a continuação da vida, parece uma conta que não fecha, não bate, só fica cada vez mais difícil de resolver. Nenhum corpo é seguro, mas tem corpo que parece mais inseguro ainda, dependendo do lugar e do horário, a insegurança piora, por isso, que chegar em casa é soltar o ar, mas ainda com medo de trazer da rua o perigo, e acabar assim, definhando em culpa, fome, medo ou raiva. Nenhuma cidade parou para mim, e se eu parar de abrir a cidade, acordar antes de todo mundo e ajeitar tudo como deve ser em dias normais, o que acontece?

	Viviane Eneida	Votorantim/SP
	25 anos	@vivianoide



A (R)EXISTÊNCIA CAMINHA
GRUPO **LGBTQIA+**



A (R)existência Caminha

Após a Segunda Guerra, tensões sociais levaram à criação de táticas de resistência e/ou enfrentamento pelas liberdades civis, incluindo as da identidade LGBTQIA+. Assim, na trilha de lideranças, como as de Marsha Johnson, negra, trans e líder da Revolta de Stonewall, entre tantas que já chamaram multidões às lutas, encaramos essa pandemia, impedindo que passem sobre nossos corpos por ocupar e nos posicionar nos espaços, sejam físicos, sejam virtuais, pela representatividade da diversidade das vidas que pulsam mundo afora!

Essa potência de renovação da luta vem exemplificada pelas produções a seguir.



A Voz do Pássaro

Senti o vento úmido entrando no meu corpo.
Meus cabelos dançando embalados pelo ar.
O aroma do néctar das flores.
E o cantarolar dos passarinhos.

Inspirei profundo o ar sem a barreira de tecido.
Sem a barreira do medo.
Sentindo o prazer da liberdade.
E a respiração com vida.

Sentindo-me fortalecida,
abri gentilmente os olhos,
estavam se acostumando com a claridade.
Na caverna, luz não havia.

Com a visão ainda embaçada,
vi o sol nascendo.
O mais lindo da minha existência,
com a força do fogo e as cores do arco-íris.

Desviei a visão do Céu e a trouxe para a Terra.
Tudo estava cinza, sem vida.
Com cheiro de morte.
Corpos abandonados no chão, ainda com as máscaras.
Morrendo na esperança de ainda viver.

Árvores caídas,
solos queimados e sem vidas.

Peixes na terra, de olhos abertos, com a visão da morte.
No riacho seco, um corpo de um animal, vestido apenas de
ossos.

Meu coração começa a bater mais devagar.
Sinto um peso profundo entre meus seios.
O peso da não existência.

Começo a secar
como fruto apodrecendo ao sol.
Com gosto amargo
e que não mais nutre.

Fecho os olhos para não encarar a realidade.
Fragilizada, sinto vontade de entregar a minha vida.
De ficar cinza.
E me camuflar na cor deste mundo.

Com os batimentos do coração fracos e esparsos,
respirando brevemente,
ouço uma voz no fundo do meu ouvido,
Chegando ao tímpano da minha alma.

“Tálita Cumi!”
“Tálita Cumi!”
“Tálita Cumi!”

“Menina, ordeno,
levanta-te”.

Sinto um tambor no meu peito.
Meu corpo contorce bruscamente,
parecendo exorcismo.

Inspiro como nunca tinha feito na minha pequena vida.
Nos meus pulmões chegam a força da FÉ.

Abro os olhos e o sol está chegando próximo ao meio do Céu,
seus raios diversos de cores agora estão fortes,
e tocam meu sangue.
O calor começa a transformar minha pele, me sinto invencível.

Resisto, existindo!

Arranco a veste que já não me pertencia.
Sinto agora o sopro do vento
em todas as minhas partículas.

Fico em pé, de coluna erguida.
Abro os braços e com um passo de cada vez,
sem pressa, mas também sem calma,
olho o sol e vou em direção a VIDA!

Das minhas mãos saem raios multicoloridos,
quentes.
Andando com fé eu vou,
o cinza vai ganhar COR.

De cima, um pássaro acompanha o meu trajeto.
Começa a cantar a música do despertar.
E isso potencializa, ainda mais,
o colorido que traz vida.

Continuo focada,
sentindo-me A GUERREIRA.

Chego até um precipício.
O arco-íris está logo ali,
mas antes tem um vale sinistro.

Ouçõ aquela voz novamente no meu ouvido,
“Dê um passo de FÉ, MULHER”.
Com medo, eu exito.

“O que você acha que aconteceu quando Moisés disse que
abriria o mar?
O primeiro ser de FÉ entrou ainda com água.
E foi só quando ela chegou em suas narinas, quando ia mor-
rer afogado,
que o mar secou, abrindo os caminhos,
ou você achava que estava tudo em perfeito estado,
quando os primeiros corajosos se aventuraram?”

A voz veio de novo.
“Dê o primeiro passo”.

Inspirei fundo,
trazendo toda coragem do meu ser.
Elevei a perna e toquei o ar pela primeira vez.

No mesmo instante, senti um movimento ao meu redor.
Uma pessoa de cada lado meu,
cada uma segurando uma mão minha.
Olhei para os dois lados,
não eram apenas duas,
em rede, conectados, lá estava comigo, o povo colorido.
O MEU povo colorido.

Bastou dar o primeiro passo de fé.

A cada passo que dávamos,
uma flor florescia,
uma semente brotava,
uma vida nascia.

Com passos firmes e suaves,
começamos, naturalmente, e em sincronia,
cantamos a melodia.

Éramos pássaros,
de canto potente e transformador.

De mãos dadas, corações expandidos
e vozes unidas,
fomos em direção ao horizonte colorido.
O destino conhecido,
mas ainda não entendíamos por completo a nossa missão.

O que não podíamos perceber naquele momento
é que lá de cima, o pássaro conseguia ver o que não víamos.
A expansão do colorido, das flores, do pulsar dos corações,
da canção da UNIÃO.

A resistência caminha.
E nosso canto,
na voz do único pássaro
transformou, transforma e transformará
a morte em VIDA!

Resistimos Unidos

Referências:

a. Tálita Cumi, na língua aramaica, significa algo similar a “menina, ordeno, levanta-te”. Foi falada por Jesus quando ressuscitou, por meio de um chamado/evocação, a filha de Jairo, que todos davam como morta.

b. Passagem de Moisés: referência retirada da peça de teatro “Alma Imoral” (Adaptação de Clarice Niskier para o teatro, a partir do livro homônimo do rabino Nilton Bonder)

	Roberta Zancani de Lima	
	35 anos	São Paulo/SP



AUTOESCUTA

Em meio a cenários oníricos, acordo preso nos lençóis, coberto de solidão. Mais um dia sozinho em meio às multidões q sussurram em mim, surreal vivenciar esse período histórico trancafiado em casa, na crise. Reuniões diárias com minhas plantas, perguntas silenciosamente perspicazes. Esforços pra manter a leitura q salva, peso palavras. Livros amuletos, palpáveis e reais, portais pro imaterial q me expande.

Converso comigo desde criança (viada). Me acudia diante das ácidas invasões acerca do meu ser. Voltava da escola com humilhação como dever de casa. “Fala direito, para de frescura e engole o choro”! Com um orgulho triste de quem pressente o mau, segui dançando conforme a grotesca música, irritante e dissonante tocada em tudo q era canto. Nas auto-conversas eu me consolava, mandava o mundo pro inferno e dançava escondido com uma camiseta-cabelo, melodias sem mal algum.


Com menos de dez anos eu já sabia, sentia no sangue. Apesar de amar mulheres, sempre foram os homens q me acenderam. Acabei induzido a acreditar q não devia sentir o q sentia, realidade infeliz de uma sociedade doente. O forte instinto no corpo q sou me deu a coragem, me entregava feliz às precoces brincadeiras corporais. Hoje, meus possíveis erros e tortuosidades, lapidados pelas intempéries da minha andança e polidos pelo atrito da minha alma no mundo, compõem a silhueta de quem sou. Transviado dum destino opaco, não deixei de brilhar nessa porra e agora ostento minha verdade na cara, na carne.

Corona comendo solto e eu preso, tá tenso me ali-

mentar de coisas boas. Invento uma cor e pinto um bagulho qualquer, cantarolo ou preparo mais uma refeição. A má vontade me ajuda e descasca um legume, coloca uma música ou passa uma vassoura no chão. Sigo me desdobrando num só. Me faço companhia mesmo quando me evito. Meu reflexo me fita, q fita! Tantos foram os corpos, incontáveis. Mergulho nos olhos, homem ao mar, suores de amor. Linhas anatômicas cativantes, desbravamento do continente alheio, beijos ternos, afetos efêmeros, soropositivo.

Ponho-me inteiro, seja lá onde e com quem for, mas já faz tanto... Tanto tempo sem toque, sem tato, só virtual o contato. Mais uma vã conversa numa estéril tela. Animais coletivos, sociais. Na troca não minto, sinto muito como quem já reprimiu o amor pra nunca mais. Quem está na chuva é pra se molhar e eu me encharco. Saio nu pra rua e berro meu eu por mais q tema raios nalguma esquina da cidade. Já faz tempo q tô escancarado, passos e sorrisos largos. Me lanço vestindo meu entusiasmo nato, cintilando tristezas cicatrizadas, ou quase. Me sinto são na loucura. Não existo em vão, sou natureza, pura. Chamo antepassados e abraço pessoas, cura.

Finco o pé, faço parte do meu tempo e não calo meu amor, mesmo ferido. Por mais que me doa, me doo e ainda erro de querer acertar. Aos poucos tiro as pedras do meu solo, reaprendo o cultivo. Vivo e descubro onde sou fértil e o q faz sentido, me espalho e broto nos outros. Reviro a terra na mão, escuto atento. Descalço e pelado de pudores encaro o céu tempestuoso e deixo chover, (r)existo.

	Arthur Magalhães	São Paulo/SP
	34 anos	@thurutz



A Peste (são os outros)

Em 1947, era publicado o romance “A Peste” de Albert Camus. Na época, nenhuma epidemia assolava a França, país onde residia o escritor franco-argelino. Dez anos depois, por seu legado na produção literária, o escritor recebeu o Prêmio Nobel em Literatura. Talvez, o êxito das obras de Camus seja o reflexo de legítimos testemunhos da angústia e da presença constante da morte nos conflitos de sua época. Após mais de sete décadas desde o seu lançamento, o romance de Camus volta à tona e alcança expressivos índices de acessos. O motivo – o nosso momento atual – regido por uma das mais devastadoras pandemias da história humana.


O mês do presente texto é junho. Junho de 2021. Décimo sexto mês da pandemia em nosso país, o qual apresenta dados alarmantes entre mortes e comorbidades, com efeito, decorrentes do modo imprudente e temerário que tratamos este gravíssimo caso de saúde pública. Vidas ceifadas, famílias enlutadas. O Brasil clama por socorro.

Ainda assim, não consigo ignorar o que este mês representa para os meus. Junho é o mês do orgulho. Eu chamaria de mês do afeto. Uma data que carrega o símbolo da luta pela vida e pelo direito de existir. Nós, que de “Peste”, entendemos bem. Já fomos apontados e categorizados como disseminadores da Peste na década de 1980. Objetos de uma medicina higienista e de uma política populista e fascista, que alguns ainda teimam em sustentar.

E os direitos humanos? Oras, direitos humanos para

quem cara-pálida? (Sobre)vivemos na região do globo que figura no topo da lista de assassinatos de pessoas trans. Por aqui, optaram por dicotomizar gêneros e até cores. Pouco importa, somos muitos, e não irão nos afastar. Somos metamórficos, multicoloridos e, ainda que pelas sombras ou pelas margens, insistimos em brilhar. Entre múltiplas letras, somos identidades a flunar. Julgaram nosso amor e nossos modos de relacionar. Julgaram. Sodomitas, promíscuos, libertinos, no inferno haverão de acabar. Diferentes, divergentes, dissidentes, sim com muito orgulho, continuaremos a afetar. E cá estamos, vivos, múltiplos, resistentes e latentes por amar.

Seja noite, seja dia, nossos corpos e nossas vidas, pelas ruas continuaremos a transitar. Hoje, contudo, quando saímos, máscaras devemos usar. E quando esta Peste passar, porque vai passar, que outras máscaras, possamos arrancar. Porque não é de agora que nos tiram o ar. Desinformação, abstração, alienação, tentam introjetar. Para nós, esta Peste é um peso a mais a suportar. Pois, para almas pérfidas e rançosas, não há vacinas ou emplastos para piolhos, como queiram, que as possam curar. O real, o imaginário e o simbólico convivem, por mais que tentem camuflar. Se pudesse dizer a Camus o que penso da Peste, lhe diria o seguinte: a Peste são os outros! Embora ele já soubesse, presumo.

	Thiago Loureiro	São Carlos/SP
	41 anos	@loureiro_thi



Eu Não Quero Mais Resistir!

Preciso parar de acreditar que tudo o que desejo para mim tem hora pra chegar. Nada é pra agora, tudo é instante.

Nem sei quem me deu aqueles presentes da estante. Olho fixo para o novo mundo, de onde surgiu tanto medo do escuro? Preciso parar de acreditar neles.

As estrelas dançam em sintonia, a lua brilha como guia e eu não sei o que fazer sem a sua companhia.

Me dê a sua mão, vamos juntas quebrar essa maldição.

Frio, chuva, calafrio, eu preciso parar de ser tão impulsiva. Amores líquidos, é só mais um date, tenho crush naquela menina, mas ontem eu beijei a balada inteira.

Eu nem sei beijar, me dá um trago do seu cigarro, bebe um gole da minha cerveja, amanhã tem mais um date.

Pode parecer loucura, mas eu já me apaixonei por essa aventura. Será que dá pra ficar quente? Melhor parar por aqui, vai confundir a gente.

Era amiga, professora, estagiária e cantora. Eu sempre me apaixonava pela doutora.

Engraçado que outro dia, uma delas me ligou. Eu nem atendi, não estava afim de falar de amor.

Eu não sei se estou levando a vida a sério demais, ou se esse faz de conta está fazendo conta pra me pegar.

Se eu estou brincando de amar? Estou vidrada naquela mina.

Vou chamar ela pra jantar.

Para, pensa e respira.

Dance conforme a sua música.

Beije devagar, me conte seus segredos.

Mostre para o mundo que você não tem medo.

Mas como poderei eu não sentir medo, se diante do caos eu não te vejo?

Luzes apagadas, a cidade parou, o farol da esquina pi-fou.

Ônibus, trens e metrô. Cadê todo aquele tumulto no corredor?

Faz bolo, cria receita nova, decora uma varanda e dança bossa-nova.

Só não esquece de ligar pra mim.

Não tenho sintonia com nada, eu tô chapada.

Pode até parecer fraqueza, pois que seja fraqueza, então. O toque, o cheiro, o calor e o beijo.

Tudo nela se transforma em desejo.

Meus pensamentos vagam em busca de algo que não sei o nome. (Desconheço)

Eu não quero a resposta pra tudo, só quero sentir mais um pouco

Eu não quero me fazer de forte, quero chorar e pedir socorro.

Nada ficou no lugar, tudo perdeu o sentido, quem foi já não quer mais voltar, quem chegou precisa ir.

Gritos, leitões, cemitérios, alguém sabe o que aconteceu aqui? Não preciso de justificativas, eu quero explicações, só não quero parar. Mas parou, acabou, tudo mudou.

Orgulho, só no mês de junho? Fica bonitinho mudar aqui esse logotipinho. Não vou contratar essa bichona, mulher sapatão até consigo, elas não engravidam, só correm perigo.

Eles não sabem de nada, o que está acontecendo no mundo ?

Quem são essas pessoas aqui? Eu não consigo respirar. Me falta o ar, a luz, o abraço e alguém para conversar.

Perde-se familiares, amigos, amores. Não só desse ví-


rus, mas de todas as dores.

Eu não voltei, e a gente combinou que era pra sempre. Olha só essa pandemia atrapalhando a gente.

Quem perdeu foi você, agora não brigue com o mundo por conta do seu ex.

Ela partiu e nunca mais voltou, não voltou, não.

Abrace agora e ame hoje, se perdoe, não precisa ser forte o tempo todo, a gente caminha em passos lentos, um pouco mais acelerado que nos anos 1980. Mas não quero caminhar resistindo. Eu quero viver meu amor livre e ser orgulho 12 meses do ano, não só em junho.

	Thamires Bianca Araujo	28 anos
	Santana do Parnaíba/SP	@t.b.araujo



A Fuga

Daqui a cinco minutos deixarei essa casa. Não volto nunca mais. A fuga deve ser fácil, ou não, porque a estrada que nos leva para longe pode ser livre e retilínea ou cheia de declives e buracos. Pior ainda quando, ao fugir, você se depara com a rota dos caminhos que se bifurcam – esquerda ou direita, paraíso ou inferno, sul ou norte. Já não basta tentar escapar, ainda é preciso fazer as malditas escolhas.

Quando o caminho não é livre, tudo leva à colisão: projeto imagens de grandes choques entre pessoas nas ruas, trombadas animais, baques frontais entre aviões e helicópteros, o Titanic e o iceberg, meu pai e eu.

Passei muito tempo elaborando rotas de escape, *road movies* impossíveis, um futuro que cabia na minha mão – tudo longe daqui e do homem que me criou. Acabo de ligar a TV e vejo que atingimos uma marca surreal de mortos na pandemia. A tragédia, é bizarro, me traz pulso de vida. O medo, hoje, é também uma mola propulsora. Eu fraquejo quase sempre, mas tenho muita coragem.


Lembro-me do Antônio e sinto fome de beijá-lo. Nunca mais o verei depois que sair por aquela porta. Meu pai nos viu juntos, Antonio e eu, no primeiro dia da quarentena. Antes tivesse me expulsado de casa, mas preferiu me ter por perto e me torturar diariamente. Ele disse que nunca me aceitaria como sou, que eu era o grande desgosto de sua vida e que, se me visse de novo com um homem, meteria uma bala na minha cabeça.

Um filho veado, esbravejava, nem aqui nem no inferno. Não nos falamos nem nos olhamos mais desde então. Não dividimos os talheres nem os copos: somos dois estranhos. Já

são mais de dois anos de quarentena e silêncio. Eu, além de escapar disso tudo, não sei o que fazer nessa rinha de galos na qual estou predestinado a sangrar. Mas agora falta pouco. Preciso ir embora e descobrir uma história possível.

Coloco minha mochila nas costas. Levo dinheiro suficiente para pegar dois ou três ônibus rumo a qualquer lugar longe daqui. Abro o portão de casa, a rua está vazia e uma leve neblina cobre tudo a minha frente. Penso mais uma vez no Antônio e no que não pudemos viver juntos. Fecho o portão e ganho a rua.

Enquanto caminho, não olho para trás.

	Maurício Rosa	Barueri/SP
	28 anos	@mauricio.rosa.contato



O Que Vem do Céu

Aguardava na sala de espera chamar seu nome, tentava em vão manter a calma, mas sua ansiedade fazia com que ele não parasse quieto na cadeira, balançava a perna nervosamente. Observava todos que saíam do consultório, tentando imaginar o resultado dos exames pelas expressões. Qual seria a dele ao sair?

Há quase um ano estava num vai e vem com o namorado, ficaram sério por três anos e agora ele lutava para reconquistar. Nessas idas e vindas, ambos tiveram casos por fora, mas não tocavam no assunto. Até o dia anterior, quando recebeu uma ligação que mudou tudo.

Tinha conhecido Marcelo há algumas semanas atrás, gato de tudo, o bofê. Transaram algumas vezes, na casa dele, na sua... Só que da última vez a camisinha estourou. Ambos juraram um pro outro que não tinham nada. Os dias passaram, trocaram algumas mensagens vazias e o incidente caiu no esquecimento. Até que Marcelo ligou e sem muitos rodeios disse que testou positivo para HIV e que recomendava que ele também fosse se testar. O chão se abriu e ele ficou em queda livre por quase uma hora. Tinha tirado a carta, A Torre, repetidas vezes nas últimas tiragens de Tarô. Dois dias depois, sua mãe testou positivo para Covid, depois de poucos dias estava entubada na UTI. E veio o tombo. O tombo não, os.

Toda a sensação de segurança se foi desde que o vírus mortal chegou a sua família. A única pessoa que sempre o apoiou, poderia não mais voltar pra casa. E, ele podia ter HIV.

Ligou para o ex, com quem fez sexo sem camisinha, contou, chorando que faria o exame no dia seguinte. A única resposta gélida foi: me avisa.

E agora, lá estava a ponto de surtar com a espera no centro de testagem. Lembrou-se de quando era criança e ouviu uma pregação de um pastor que disse enfaticamente que a AIDS era uma maldição divina para os homossexuais. Nunca esqueceu essa fala, e uma parte dele sempre esperou esse castigo...


Foi chamado! Como segundos podem demorar tanto? E poucos passos parecerem eternos. Jurou que notou no rosto da enfermeira uma tensão, preocupação? Ela estava com uma prancheta quando chamou os outros?

Esperava o pior. Tinha pesquisado sobre o tratamento na madrugada insone, muita coisa mudou, não é mais uma sentença de morte, mas ele nasceu no meio dos anos 1980, e não estava fácil se manter calmo, mesmo com as informações sobre o quanto hoje em dia é uma doença muito menos mortal do que já fora. Estava pronto pra notícia que mudaria sua vida pra sempre. Não reagente. Oi? Ficou descrente, riu nervoso. Já na rua o celular tocou, era sua irmã, o coração apertou. Chorou como criança quando ouviu que sua mãe acordou e estava respirando sem os tubos.

Chegou em casa, mandou mensagem pro ex, isso não importava mais. Ele estava saudável e sua mãe se recuperando.

A noite sonhou com Omolu o abençoando, o abraçou e disse:

– Pega o que teu e se livra da culpa venenosa, meu filho, do céu não cai castigo. Acordou e bradou entre lágrimas. Atotô!

	Rodrigo Maria Dias	São Paulo/SP
	36 anos	@rodrigomariadias




No One Forgets a Volcanic Eruption

(Para ler ao som de Monte Castelo – Renato Russo)

O fogo independe da ação antropológica, mas o homem depende do fogo. Ao menos do metafórico. Assim como o fogo para se consumir depende do oxigênio, nós humanos precisamos dele a cada abertura da caixa torácica. E um dia ela vira o fogo arder. Justamente aquele que nos românticos versos Camonianos ardia sem se ver. Já antes conhecera o calor, a luz. No amor de seus pais e aqueles que o circundam. Esse faz-se essencial, porém, é apenas uma das muitas formas, e por si só não é suficiente. No universo existem 24 formas de combustão, que juntas compõem um fenômeno único, mas justo dessa, a vigésima quarta, muitos têm medo. Sem a presença dela a dor desatina, a ferida é exposta. Dói. No mês seis de dois mil e vinte e um, tempos nos quais o abraço se faz fora da regra, ele por diversos meios nos aquece. Diante de tal anomalia o vulcão, que por sua vez manteve-se quieto por muito tempo – nunca inativo – entrou em erupção; e a lava, sutil, caminhará pela cidade. Em tempos pandêmicos avistara as ruas vazias e pessoas também. Presencial ou virtualmente preencherá cada um, por mais que dela tivessem medo. É mês do amor. Agora, com a vigésima quarta, vamos livres amar não só o mês, mas o ano inteiro. Aos amedrontados, não se preocupem, ninguém será queimado, apenas abraçado, aquecido. O amor, em tempos gélidos, aquece. No calor, complementa. Existe aquele ditado de que tudo em excesso faz mal. Mas dele, o exacerbado,

nunca antes fora experienciado. O fogo é quente e ponto, nisso não há paradoxo algum. Se o futuro a nós pertence, o gelo vai queimar. O fogo é revolução. O fogo é (R)esistência. O fogo é Amor. Amor. *No one forgets a volcanic eruption*, por onde a lava passar, por passos lentos ou largos, nada será como outrora.

	Mariana Carreiro	São Paulo/SP
	18 anos	@sseaiana



“Cais”

L – Bom dia, Sérgio! (*entrando*)

S – Olá, Lucas! Você trouxe frutas pro desjejum?

L – Uma alimentação saudável começa num belo reforço matinal,oras.

S – No começo do ano passado, quando você me disse, na faculdade, que se mudaria para o mesmo prédio onde moro, nunca pensei que compartilharíamos tanto nossa rotina nessa quarentena prolongada.

L – Pois é! Você é uma pessoa muito especial pra mim. Aí, quando ouvi falar das restrições e cuidados, quis aproveitar a oportunidade, me aproximar de você para além da rotina de grupos de pesquisa em que colaboramos nas disciplinas que ministramos lá na faculdade.

S – Ah... E essa vontade veio mesmo com nossos quase trinta anos de diferença? Afinal, em 10 anos já estarei aposentado, enquanto você começou lá há menos de cinco anos.

L – Sua alegria, criatividade, bom humor e repertório trazem muita luz para esses momentos tenebrosos. Minha ideia, na época, era pedir pra dividir o apartamento, mas achei que fosse uma chegada muito acelerada.

S – E agora, com essa nossa convivência diária pra refeições, montagem de aulas, *playlists* musicais, exercícios e filmes juntos, você acha que ainda precisa subir escadas pra ir embora todo dia?

L – Na verdade, meu desejo é dizer pra você que minha fascinação só aumentou com esse nosso convívio intenso. Receava me tacharem de *suggar baby* explorador ou algo assim, mas depois percebi que seus modos espontâneos, livres mesmo, me dão forças pra deixar qualquer fala fora da porta. Te amo

e quero viver com você muito tempo juntos. Quem critica só terá o vento para ouvi-los.

Sergio ficou atônito. Lucas o beijou firme, serenamente, abraçando-o calorosamente por vários minutos.

S – Nossa, que maravilha! Isso assim, pela manhã? Uaaau!

L – Hãã! (sorrindo) Acordei hoje determinado a não deixar que mais um dia passasse sem dizer pra você tudo que sinto, num crescente, desde a nossa visita ao Parque Bororé, no final de 2019. Senti que lá poderíamos ter unido nossas mãos, percorrido com elas nossos corpos, juntado mentes e planos, mas você cruzou a represa naquela balsa e fiquei na ilha a esperar um novo momento “CAIS”.

S – Como assim CAIS?

L – Close, Atitude, Inspiração e Sentimentos: coisas que todo dia nós, LGBTQIA+, devemos comemorar em meio às mudanças e riscos constantes. Resolvi que, apesar de um dia comum, hoje seria o marco do começo da nossa caminhada de amor.

S – Ah! Então na semana que vem, ou logo que puder, desça suas coisas pra cá, por favor. Assim definimos melhor nossos caminhos futuros.


L – Espera! Trouxe pra você umas palavras:

“Nesse mês do Orgulho e dos Namorados,
a melhor escolha é ter você ao meu lado,
por Marshà's bradar, defender,
heróis um do outro ser.

Canções, manifestos, cores e letras em quatro resumidas:

AMOR, porto unindo vidas”.

Então se acariciaram e traçaram planos, já que o dia e sua relação só começavam.

	Alê Monteiro	São Paulo/SP
	43 anos	@ale_mon1950



O Cerne em Brasa Quer Viver

Olha, eu vou ser sincera: não sei mais o que pensar das coisas.

Tudo, esses dias, parece um trabalho de Hércules, só que esse Hércules é um cansado, que dorme sonhando que é engolido por um Bacalhau de Quatro Cabeças e acorda às duas da tarde, lembrando que ainda não passou pano na desgraça da sala.

A verdade é que eu já senti tudo isso antes, a frustração e a culpa, a raiva agriçoce de se estar estagnado diante do movimento do mundo, sem saber o que fazer para tornar o tumulto um pouco menos pior, pois eu, pessoalmente, sou uma mulher cheia de raiva (inferno! Sou eu sequer uma mulher?). A diferença é que dessa vez, frente à situação, me dei permissão de sentir minha raiva, mesmo que ela não sirva pra nada.

Suspiro...


Tudo que eu queria era uma panela de pedra e um pato. Vi os dois no mercado municipal de Belo Horizonte, dois meses antes do vírus se espalhar.

Na verdade, tudo que eu quero é viver em paz, mas antes preciso arder de raiva, de amor e de coragem, em nome do meu patinho e da panela bonita, de um pedaço de mundo que seja meu para um dia esticar meus ossos de velha e des-

cansar, sabendo que vivi como gostaria.

Vai ver é só isso que a vida quer de nós, que a gente segure qualquer faísca que nascer do atrito entre costelas quebradas e deixe que ela arda quente e sincera, por tempo suficiente, até não sentirmos nenhuma vontade de se desculpar por ela.

Nós fomos feitos para estar aqui por inteiro, afinal. Para seguir existindo, não penitentes quanto a nós mesmos, enquanto durarem os dias. Ou assim eu penso.

	Sofia Costabile	São Paulo/SP
	20 anos	@so_fes



Yoga Para Iniciantes

Incenso. Música zen. Tapetinho no meio da sala. Quando os jornais contavam a mesma coisa em exponencial, a minha alternativa, dentro de casa, foi fazer uma aula *on-line* de *yoga*.

O primeiro passo intercalava a postura do gato, com a coluna em direção ao teto e o rosto para baixo, e a postura da vaca, projetando a face para cima, esticando bem o pescoço.

— Vamos lá para a postura do gato. Disse a professora.

Estava aliviado. Finalmente, consegui sair daquela rotina entediante para fazer algo positivo para mim. Respirei fundo e aguardei novas orientações do vídeo.

— Agora, vamos para a pose da vaca.

Quando meu pescoço subiu em direção ao teto, eu vi uma enorme teia de aranha. Ela cruzava a quina das paredes e até já possuía alguns insetos mortos. Fiquei apavorado e enojado. Como aquilo aconteceu bem em cima de mim, sem que eu percebesse?

Não sei de onde veio o meu medo de aranhas, mas só de imaginar aquelas patinhas andando por aí, fiquei arrepiado. Será que ela andou na minha comida?

Será que a engoli enquanto dormia? Uma vez li um

estudo que dizia que uma pessoa engole, ao menos, duas aranhas enquanto dorme ao longo da vida. Eu nem sei se isso é real.

— Voltando para a posição do gato.

Com o rosto para o chão, era impossível me concentrar. Notar a teia de aranha me fez perceber cada poeira do chão. Eu precisava fazer uma faxina em casa com urgência, arrastar os móveis, mexer nas gavetas, olhar debaixo do tapete. Quem sabe eu não a encontre e dou uma chinelada?

Tentei resistir ao peso do corpo, mas o pior mesmo era o peso dos pensamentos.

— Postura da vaca, mais uma vez.

Voltei a encarar o meu maior pesadelo: aqueles fios balançando no teto. Era nojento. Mas fazer o quê? Eu estava sem grana para pagar uma faxineira e a rotina pandêmica me tirou toda a energia.

Há um tempo as contas não fecham. Mês passado, deixei de pagar a conta de luz. Semana retrasada, pedi dinheiro para a minha mãe. Ontem, pensei em fazer brigadeiros para vender. Mas, só pensei.

— Gato, novamente.

De cara para o chão, vi o tapete engruvinhado. E eu também. Preciso arranjar um emprego novo, pensei. Ganho pouco, meu chefe é tóxico, tem aquela menina insuportável.

Sem falar nas piadinhas homofóbicas do RH que eu tenho que ouvir. É óbvio que ele nunca vai me promover.


Eu deveria ter feito outra faculdade. Ou não fazer nada. Onde eu estaria agora? Mais pobre? Mais rico? Casado? Pagando uma faxineira? Aquelas ideias começaram a chover na minha cabeça. A essa altura, a música budista era inaudível.

Eu estava determinado a mudar tudo ao meu redor: faxina, emprego e até medo de aranhas.

— Mais uma vez, a vaca.

Novamente, estava de quatro olhando para a teia de aranha. A que ponto a minha vida chegou?

— Agora, vamos levantar e fazer a postura do guerreiro...

	Gustavo Lorón	São Paulo/SP
	27 anos	@gustaversos



Amar Requer Coragem

Você estava no espaço entre minha unha e minha carne.
Estava entre meus cabelos.
Entre a roupa que me veste e a que me mantém desnuda.
Você estava entre os quadros separados da parede.

Te amar requeria coragem.
Tive a coragem de leões perdidos numa savana.
Explorei caminhos ainda virgens,
porque amar você me dava coragem.
Eu acreditava que era invencível.


Paixão.
Ela ardia, plena no lugar que ocupava no meu peito.
Em dias de frio, ela me esquentava.
Em dias de sol, me lembrava que por dentro eu queimava.
Era ficar, mesmo que por um minuto, ao seu lado todos os dias, mesmo que virtualmente.
A cidade toda ficou sabendo, porque estar apaixonada era como um inferno e eu gritei de dor, medo e amor.

Eu sentia medo todos os dias.
Medo de te magoar, ou pior,
não poder andar de mãos dadas com a pessoa que eu amo quando tudo isso acabar.
Medo de a nossa família desaprovar.
Medo de que o peso do mundo caia sobre nós e que eu tenha que te desconhecer.
A indiferença é pesada e pensar nela com o teu rosto me sufoca.

Mas os fins
nem sempre precisam ser ruins e devastadores,
nem sempre possuem motivos ou explicações.
Os fins são um ciclo ininterrupto.
Uma promessa silenciosa, entre o esquecer e o manter na lem-
brança.

Agora, você estava distante.
A impossibilidade de te tocar nos afetava e o peso do mundo
caiu sim sobre nós, o peso de viver em bairros diferentes, mas
ainda assim parecer impossível pensar em nos ver um dia.
A desesperança bateu em nossas portas, sem chances de se-
guir adiante com todos os planos pós-pandemia.

Mas a saudade não me sufoca e eu entendo que não importa
o quão longe alguém esteja de você, a parte mais bonita ficou.
E vive.
Eu resisti por amar você e continuarei resistindo por todos
aqueles que não tiveram a oportunidade de amar.

	Gabi Souza	Taboão da Serra/SP
	20 anos	@gabes_z



Fim de Consulta

— E o que está aprendendo com tudo isso? — o psicólogo perguntou, a voz abafada pela PFF2.

— Que ainda sinto falta dele. Que estamos ligados por alguma coisa mais forte que esse próprio sentimento. Que ainda o amo, ao mesmo tempo que não. Têm dias que me sinto feliz por não viver mais aquela rotina; de visitar seus pais e amigos, as preocupações que sempre me afligiam estando com ele... Aprendi que apesar dos momentos traumáticos, como as traições e as mentiras, ele ainda segue comigo. Hoje minha cabeça precisa fazer um esforço maior pra lembrar das partes ruins, mas com as boas não tem dificuldade. Eu tentei me matar por aquelas coisas, e isso me assusta, às vezes. — Abaixei a cabeça, envergonhado, e encarei por um instante a caixa de lenços ao lado da poltrona. Pensei em como meus problemas pareciam tão poucos perto dos que precisavam recorrer àquilo. — Ele continuava ali, mesmo depois de tanto tempo. Ontem sonhei com nossa viagem pra Buenos Aires. Tudo era tão vívido e diferente. Estávamos em lugares diferentes dos que tínhamos ido e ele falava comigo, mas eu não conseguia ouvir sua voz... Talvez uma parte minha só querer a confirmação de que ele sente o mesmo quando pensa em mim, mas sei que não. Ele já passou por isso mais vezes que eu, sabe como lidar com o fim de um relacionamento conturbado... No dia da mudança dele pra São Paulo, vi que ficou feliz com a chegada do caminhão, enquanto eu o ajudava com as coisas e chorava. Ali percebi que o tinha perdido, quando notei que ele parecia se sentir livre da minha presença. Sinceramente, eu também me sentiria desse jeito se estivesse em seu lugar...

Ele esperou que eu continuasse. Como não o fiz:


— Hoje, como se sente?

— Bem. Sinto que preciso vê-lo novamente, pegar a parte de mim que levou. Aconteceu com outros homens que me relacionei. Não consigo sentir nenhum afeto por eles hoje. Mas não sei se seria diferente. Ainda assim, acho que preciso vê-lo, e mais que isso: preciso que ele me veja. Mais adulto, diferente do que eu era antes; mais homem. Não tenho pretensão em reatar nada. Lembro do bem que me fez quando estávamos juntos, e do mal também. Só quero me pegar de volta e seguir em frente sem precisar me preocupar com o seu fantasma. Talvez possa ter um pouco a ver com ego também... Eu amei as coisas que ele fez por mim e aprendi muitas outras, impossíveis de esquecer. Tudo que quero é me libertar desse sentimento, mas apesar de tudo me sinto bem em não estar mais com ele. Essa é a única coisa que me deixa dormir tranquilo à noite.

— Você sabe o que sente e sabe o que quer. É um bom caminho.

— O que sei é que a única pessoa que merece incondicionalmente o meu amor sou eu mesmo. Foi a melhor coisa que esse relacionamento me ensinou. Nesse ponto, acho que estaremos atrelados por toda a vida. — Olhei uma última vez para o psicólogo. Seu olhar já dizia tudo que eu precisava saber. Ao me levantar da poltrona, meu corpo agradeceu. Aquele peso e nó na garganta desapareceram. Não era nossa última sessão, mas na despedida ele me abraçou como se fosse, pela primeira vez. Ele, mais que qualquer um, sabia de todas as coisas pelas quais eu havia passado. Foi reconfortante.

— Apesar de tudo, a única coisa que os humanos não são imunes é ao amor. Pode demorar muito ou pouco, mas isso passa. Sempre passa.

	Dêner B. Lopes	Pindamonhagaba/SP
	26 anos	@denerblopes



DIVERSAS
GRUPO MULHERES



Diversas

Somos Mulheres. DiVers@s em tempos, referências, escritas. Versos, prosas e controvérsias. Mulheres que amam, que temem, que lutam. Somos mulheres que cuidam, que mimam, que se cuidam. Somos as mulheres que oram, que cantam e que cansam.

No lugar que ocupamos, falamos do mundo, de gente, da gente. Mostramos o que vemos, o que sentimos, o que somos. Ouvimos o mundo em cores, ou em preto e branco. Escrevemos sobre verdades e mentiras, sobre nossas dores e as dores de outras. Sentimos e acolhemos o sofrimento de outras mulheres caladas e machucadas. Carregamos com alegria, sensibilidade e maturidade o nascer de novas vidas. Somos o ventre, a raiz, os frutos e as flores.

Somos mulheres que lutam pelo direito de ser mulher e de estar onde quiser.

Somos mulheres que educam, ensinam e aprendem.

Somos mulheres frágeis e resilientes num mundo desigual e nem sempre acolhedor.

Somos mulheres criativas, perseverantes ou impacientes, singulares ou plurais. Mesmo em momentos confusos. Mulheres de luas, de fases, de ventres, no vento. DiVers@s, somos Mulheres na Divers(I)dade.



Contra o Dito

Estamos *languishing*, eles dizem. Cansados do isolamento, com medo da doença. Não sei. Nossas vidas são uma contradição constante, mas queremos um mundo sistematicamente equilibrado, orquestrado como uma filarmônica de robôs, pessoas em caixas com rótulos em cores neons, sentimentos claros como o orvalho estéril de uma atmosfera despoluída, tudo explicável, sequenciado, como o ciclo inevitável da vida-morte-fim.

Tudo o que tentamos criar e compreender encerra em si um imenso desejo de excluir as imprevisibilidades e confusões, numa ânsia de nunca mais sofrerMOS, de não NOS sentirMOS impotenteS, fracoS e INÚTEIS diante das circunstâncias.

Nada mais distante do real, ainda assim nos desconcerta a ousadia petulante do acaso e do inesperado, as certezas dissolvidas feito algodão-doce em chuva rala. A pandemia *enlupou* olhos que se fingiam cegos, engolfou em nossas gargantas secas as contradições e incertezas, velhas e novas, nossas e da sociedade.

Os dias passaram a parecer segundos e ao mesmo tempo, anos. Quem odiava socializar nunca desejou tanto um carnaval lotado, a briga de família no Natal parece até atrativa. Quem sempre foi urbano quis fugir para o mato, quem era


do campo quis as facilidades da cidade grande. O lar, antes conforto e paz, hoje é cárcere. A solidão torna o ar irrespirável mas mesmo assim queremos morrer a cada teleconferência, e assim que ela acaba, a paz mal pouisa e a solidão acena novamente. E se encontramos quem amamos, não as abraçamos, pois o outro é um misto de tábua de salvação e monstro da contaminação. E aqueles que amamos sob o mesmo teto parecem inimigos em guerras sem trincheiras, em batalhas sem trégua. Ver os filhos crescerem de perto é um sonho fictício tornado um pesadelo real. E ficar longe dos amados se tornou prova de amor. Informar-se sobre a doença para não perder dela é morrer aos poucos de tristeza enquanto beberica ansiedades. Personificar os números de mortos é empatizar com as dores, dar a densidade certa aos acontecimentos, mas evitar olhá-los é um modo de sobrevivência. Nunca se adotaram tantos bichos e nunca se abandonaram tantos. Solteiros convictos ansiando por namoros como portos seguros idílicos, casais que se amaram na convivência dos anos cancelam futuros, por incompatibilidades inconciliáveis escancaradas por essa mesma convivência. Amigos do peito não se esforçaram, amizades virtuais deram aconchego. Supermercado que era martírio é escape aliviado da clausura, que dura só até a limpeza obsessiva dos alimentos.

Quem deseja ficar em casa e se proteger é obrigado a se expor todo dia em transportes públicos ainda mais desumanos, quem tem o privilégio de se resguardar beija a morte por uma festança qualquer. O *home-office*, de sonho virou realidade e logo um tormento, sem o limite que dão as paredes físicas de um estabelecimento.

Em meio a tanto aguardo por soluções da ciência, o negacionismo cínico. Com tantas vacinas, uma esperança que galopa em países ricos e afunda num abismo ainda maior os

países mais pobres. Em meio a tanta dor compartilhada, tanto egoísmo. Sonhar para seguir vivendo, mas sofrer por não poder sonhar.

Languishing? Não, estamos sofrendo de contradições crônicas.

	Marian Koshiba	São Paulo/SP
	31 anos	@marian.koshiba



Ruas de *Delivery*

As ruas de motos de *delivery*

aiComida *Rápi*

entrega de tudo

entrega de flores plantas rodízio japonês *crème brûlée* lápis

pomada *bowl* havaiano tacos mexicanos chinelo fralda sofá

bigorna ratoeira o esgoto passando na porta de casa e

todo mundo procurou entrega

grátis

As ruas de medos de *delivery*

entrega de tudo

entrega de vírus ambulâncias sirenes bate panela bate palma

gritos tiros desincertezas camisa da CBF cloroquina vazamen-

to *fake news* moral bons costumes carta de repúdio e

ninguém procurou verdade

grátis

As ruas de mundos de *delivery*

entrega de tudo

entrega de *live* especialistas músicos mickey professores mi-

nistros EAD sem pc sociedade pós pandemia livros proibi-

dos jogos irreais terraplanistas *links* plantão horário de verão


idade média avançada século antepassado reuniões demissões

desinvenções e

todo mundo reprocurou pornô

grátis

As ruas de modos de *delivery*
entrega de tudo
entrega de *hippie chic boho chic gourmet rechic* sertão pós con-
temporâneo cerveja artesanal barriga negativa *somellier* de
vacina barba com glitter ácido hialurônico festa *vip cross chic*
cancelamentos concurso de máscara e
milhares desprocurou reinventar-se
grátis

	Cássia Oliveira	São Paulo/SP
	31 anos	@chica_valentina



Partida

Buscou durante uma vida
validação,
legitimação,
tesão,
expectativas,
todas em vão,
tanto foi
que se sabotou,
se invisibilizou.

Ser mulher
para ela
era ser grande,
mas só sabia
ser pequena
e na sua pequenez
se agarrou
em “grandes” homens grandes
deixando que fizessem
dela
gato, sapato, capacho.

Se entregou às ilusões
e delirou
até o primeiro tapa,
seguido de buquê,
a costela estourada
e o anel lindo
entregue no dia seguinte.

Comprada,
apanhava porque gostava
era o que diziam os outros,

devia achar bonito
esses outros,
que de fora, viam com binócu-
los distorcidos,
míopes.

Ele, era apenas homem
tinha seus comportamentos
problemáticos,
naturalizados,
aceitos,
até mesmo estimulados.

Quando conheceu o dito cujo,
jurava ter topado
com o tal do amor,
era toda sorrisos,
toda borboletas no estômago,
mas como todo sonho
acabou
e a realidade se mostrou
cruel,
nada de véu de igreja
ou de altar,
apenas promessas
feitas todas
ao ar.

Construiu suas ambições
e desejos mais
profundos na areia

deste outro,
sendo levada
pelo mar,
para as profundezas,
sem espelhos.
Veio um vírus
pior que ele,
maior que o vírus machista,
gerou pandemia
e ela alvo
de mais pancadaria.

Ele ganhou pontos de raiva
e depositou seus transtornos
no corpo seco dela,
marcado por hematomas.

Ela ia dormir,
desejando pegar
aquele vírus
e morrer,
chegava a sonhar com isso,
acordava, entretanto
ainda viva.

Desejava que ele
pegasse o vírus
e que aprendesse
como é sofrer
no corpo,
como é ter medo


de algo externo,
com poder de te aniquilar.

Gritava ao
vírus que
entrasse
e ele ouviu.

Viu o teste positivo
e vibrou internamente,
desejando que pudesse fugir,
que pudesse encontrar ajuda
porque queria ser ajudada,
só não sabia como procurar,
a quem recorrer?

Ficou grave,
internada,
intubada,
inchada,
dessaturada.

Parou.
Partiu,
sentindo pela primeira vez
paz,
alívio
e uma dor que não era das
mãos dele,
pelo menos não era ele.

	Maithê Prampero	Campinas/SP
	23 anos	@maithe.prampero



A Epidemia Dentro de Mim

Você já se olhou chorando em frente ao espelho? No começo dos dias mais escuros e medonhos, lembro-me bem dessa imagem, cravada em memórias passadas. Senti o medo infiltrando-se em minhas veias, pulsando em meu peito, perdido entre meus neurônios, em cada arrepio da minha alma.

A pandemia me trouxe novamente à tona a escuridão. E quando damos de cara com ela, nosso instinto humano é fugir, correr o mais longe possível e se apegar a uma luz invisível, afinal nos filmes de terror, alguém que ouviu um barulho e vai até a cozinha, sem acender as luzes, certamente corre perigo. No entanto, é no escuro que percebemos que tudo o que vemos ou deixamos de ver é território desconhecido, principalmente aquele que há dentro de nós.


De início tudo o que senti foi incômodo. Vi-me como um pássaro engaiolado, confusa entre meus próprios pensamentos e a realidade, encarando profundamente a face da depressão, na qual já havia me desvinculado uma vez. Não conseguia me sentir em casa, não importa onde estivesse. Nem mesmo perto de meu amado, cujas brigas e discussões quase trouxeram nosso fim.

O que me salvou de mim foi o amor, também responsável por me trazer de volta para casa. O amor de todos que ficaram e dos que já se foram. Da divina natureza e de nossos afáveis amigos animais. O autoamor. E por muitas vezes, acompanhado dele, a imensa sabedoria silenciosa. E se

me permite dizer, alguns diriam que tive privilégios, pois ninguém tão próximo de mim se foi, não perdi o meu emprego e não adquiri o vírus, tive apoio de pessoas muito queridas e pude permanecer à presença de meu amado. Pois bem, eu concordo!

Como uma criança inocente que senta perto de uma lousa vazia e uma caixa de giz, voltei ao meu natural e comecei a colorir. Recompus-me, limpei as lágrimas secas do rosto, pus-me a observar a vida, em especial a minha. Voltar novamente meus olhos para a arte. Agradecer por cada pequeno momento bom. Respirar fundo e entender os maus momentos. Perguntar-me o porque estou aqui e o porque eu gostaria de estar. Desde então, minha imaginação vai longe, com vontade de criar.

Algumas vezes ouvi frases como “todo o tempo que perdurou (e perdura) a pandemia foi perdido”. Hoje jamais poderia concordar com tal afirmação, pois do contrário, se a pandemia, iniciada no ano de dois mil e vinte, não tivesse ocorrido, eu não seria a pessoa que eu sou hoje. Deixaria de ser a melhor versão de mim: a do aqui e agora. O termo “perdido” eu usaria – tive que me perder para me encontrar –, e aconteceu o que precisou acontecer. A melhor maneira de enfrentar todo esse momento explosivo de energias inconstantes é abrir o coração para novas ideias, para tudo o que é. O que eu sou, tu és. E o que tu és, eu sou. Somos o ser e a existência. Somos por inteiro, amor.

	Kamila Iasmin	São Paulo/SP
	22 anos	@flordeklips



Lívia, Quem é Você?

Filha de pai cearense, retirante.

Mãe paulistana, mistura arretada de baiano com mineira.

Meus avós por parte de pai ficaram no seu Ceará.

Eu, nascida na terra da garoa, era só até os cinco.

Aos seis, chegou minha irmã, trazendo muita alegria!

Crescemos, nos formamos.

Mulheres nos tornamos.

Hoje, sou assim:

Mulher de luta, cabocla, mãe.

Educadora, pesquisadora, escritora.

Cozinheira, faxineira, lavadeira.

Agricultora, cantora, tocadora.

Trabalhadeira, dançadeira, feiticeira.

Amada, amante.

Filha da mãe terra,

Ser da água doce.

Andante das matas.

Urbana, sonha em fazer o caminho do retorno.

De volta às nossas raízes.

E de repente, pandemia...

Isolamento.

Distanciamento.

A distância? Um metro e meio.

Ninguém sai.
O vírus pode te pegar.

O confinamento nos obriga a olhar para dentro.


A fome e a desigualdade abissal que vivemos nos obrigam a
olhar para fora.

Coragem para encarar o medo.
Bravura para encarar os vermes .
Força para encarar as perdas.
Esperança para continuar.

O luto vira luta

E assim, mais maduras, seguimos nas batalhas .
Carrancudas, encaramos o inimigo de frente.
Sim, estamos em guerra, minha gente.
Eles querem nos matar.
E nós insistimos.
Persistimos.
Viveremos.

Pois hoje viver é um ato de resistência.

	Lívia Lima Paiva	São Paulo/SP
	38 anos	@livialaranjalima



AmAr em Tempos de Pandêmia

Viver o Velho em Tempos Novos

Quem canta seus males espanta. Essas palavras vieram à mente ao acordar. Não sabia cantar nem tinha voz, fôlego ou o ritmo para emitir mais que sons desafinados de parte das letras de músicas que a memória ainda deixava lembrar. Se dependesse do canto como sustento, talvez pudesse escrever letras românticas, de sofrência.

Se fosse para cantar, seria o amor.

Seus diários, companheiros de longa data, conseguiriam espantar o pânico dos momentos tão irreais, atuais? O vilão da vez era assustador, e o amor que arrebatava a vida não poderia se transfigurar pelo rastro do vírus terrorista.

Apesar de viver em uma contagem regressiva desde que se aposentara, sabia que um vírus, um desastre ou outra doença podia levá-la a qualquer momento,

e a contagem terminaria sem aviso.

Deixou a cama cantarolando trechos da música favorita que ainda conseguia lembrar, e preparou o cappuccino parceiro que avivava sua realidade. Entre goles do café e o deslizar do dedo nas mensagens repassadas pelos muitos grupos que se viu (de repente) participando, pensou no que uma mulher aposentada, solitária e com tantos outros adjetivos poderia

fazer, além de pôr a máscara ao ter que sair. O que outras mulheres na mesma condição estariam pensando e passando?

Teriam fé no amanhã?

Mudaram a relação com filhos, maridos, amigos, vizinhos? Muitas perguntas. Respostas incompletas. Nada seria como antes ou tudo seria igual, quando finalmente pudesse sair, talvez sem máscara. Sua vida poderia ficar resumida à espera de uma mensagem com 140 caracteres e às compras feitas pela internet?

Ou faria parte das estatísticas crescentes apresentadas pelos noticiários?

Como viver o amor em tempos de pandemia? Essa praga impõe o uso de máscara, faz do distanciamento social um mantra incorporado nos relacionamentos já distanciados pelos caminhos descruzados (reduzidos a frases distantes e preocupações constantes); às vezes, une pela distância e separa no convívio ressentido. Em tempos de amor e desamor,

que força teria esse vírus para vencer a vontade de viver ou sucumbir?

Sua vida continuaria até que o *timer* desligasse a sua programação. Ser uma mulher madura mostrara que, de tempos em tempos, a vida tem que ser ressignificada – lembranças tristes têm que ser congeladas no tempo ou transmutadas em tragos de esperança e fatias de sonhos adocicados. Desistir, esperar,

aquarelar o cinzento diário em tom pastel ou cores vibrantes,
era uma escolha a fazer.

Sorver o amor que não é cor-de-rosa, desmascará-lo de ilusões, encarar que não é maior ou menor por ser real – tão descolorido como seus cabelos platinados. Ignorar o *timer* sem perder a vontade de realizar as incontáveis listas do que fazer antes de morrer. Aceitar as rugas, os fios, os calafrios, derrubar muros – em vez de pular para o vazio.


**Falar das próprias histórias sem ouvintes,
deixar de traduzir o óbvio que nunca é óbvio.**

O amor tem caras e gostos. Mesmo para mulheres que ultrapassaram a metade (ou mais) de suas próprias histórias, cansadas – mas não querem se aposentar da vida.

Desapegar da cronofobia,

viver com criatividade ...

**seria AmAr em tempos
de pandemia?**

	Goretti Giaquinto	Ribeirão Preto/SP
	63 anos	@gore_giaquinto



Telefone Sem Fio

*Iniciando chamada

Clic, clic.

— Oi!

— Olá! Me escutas?

— Como um robô, mas escuto. Espera, está melhorando. Agora sim, nossa, como se estivesses aqui na minha frente... (suspiro de tristeza). Penso: só agora que te vejo percebo o quanto sinto a tua falta. Os olhos não brilham do mesmo jeito na câmara. Saudade do teu abraço apertado, do calor da tua pele e aquele belisquinho que sempre deixas na minha orelha. Do perfume de gerânio e da rouquidão no fim da tua risada.

— Desculpa! a minha internet caiu, voltei. E aí, me fala como tu estás?

— Eu estou... mana, na verdade, cansada dessa situação. Aqui na república as coisas estão foda, acho que todos estamos afetados pelo medo e pela incerteza. Estou com muitas saudades da minha família. Sabes que não dá para sair da cidade, os ônibus não estão funcionando por causa do *lock-down*. Não tenho mais dinheiro, gastei tudo. E não dá para procurar trampo agora, fico com medo de me contagiar e não ter ninguém para cuidar de mim. Mas, me conta de ti, como

estão as coisas aí?

— Eu estou bem. Bom, não posso reclamar, tenho trabalho... agora tantas pessoas desempregadas...

Clic, clic.

— Tudo bem contigo? Não te vejo desde o ano passado... bom, desde antes da pandemia (risadas com tristeza no finalzinho).

— Tudo! Bom, mais ou menos. Lidando com as dificuldades da convivência, Pedro está difícil, mais zangado do que o normal, acho que é pelo que está acontecendo.

— Mas amiga, ele levantou a mão para ti de novo?

— Não, não. Ele prometeu que não ia fazer de novo. Mas, sei lá, é o jeito como ele fala comigo, como se tudo fosse a minha culpa. Na verdade, se eu não conseguia fazer tudo antes, agora menos, não dou conta, amiga. Todo mundo em casa o dia todo, suja mais... Sugeri fazermos terapia de casal. Ele falou que quem deveria fazer terapia sou eu.

Clic, clic.


— Mana, chamei você duas vezes semana passada, queria saber de ti! Como estão as coisas?

— Oi amiga, saudades! Estou bem. Em casa, todos bem, com saúde, que é o mais importante agora. Um pouco preocupada com a minha mãe, acho que ela está com depressão, mas não tenho certeza. Tu sabes que ela mora sozinha, e

nós temos muito medo de ir visitá-la, levar as crianças, e tudo isso. Chamamos ela no *Zoom* todos os domingos de tarde, mas ultimamente ela nem quer falar, está cansada. Eu a vejo mais magra. Sempre pergunto se está se alimentando bem, e ela responde que sim. Faço as comprinhas dela, mas imagina a preguiça de cozinhar só pra ti, sozinha todos os dias, né? Tadinha, eu não queria que ela estivesse sozinha no apartamento nestes momentos...

*O nível da bateria do telefone está baixo. A chamada pode ser encerrada em breve.

— E aí, me fala como tu estás?

	Camila Uribe	São Paulo/SP
	36 anos	camilauribech@gmail.com



Nostalgia

R,

Disseram-me que uma história precisava ser contada, e tu, conhecendo a criatura que sou, deves ter imaginado que a nossa ainda bate junto ao meu peito, querendo sair dessa gaiola sangrenta a que chamo coração. Já adianto que não a deixarei sair, porém posso fazê-la voar alguns minutos no exterior. Sabes que há muita maldade – em especial agora – no mundo e que preciso embelezar um pouco esta terra quente com as nossas trocas.

A verdade é que, em algum ponto dessa minha massa cefálica, esconde-se o segredo da atração, esse fio grosseiro e quase estúpido que me sugou para o teu lado. Não sei explicar-te bem os quesitos biológicos, mas asseguro-te que, desde o momento em que atravessaste aquela porta, eu sou tua. Teus olhos me lembraram a curiosidade desconfiada de uma raposa, e eu achei isso a coisa mais bonita do mundo. Não me vistes de primeira, mas, antes mesmo dos teus pés adentrarem a sala, os meus olhos esperavam os teus, absortos pela expectativa, relutantes com a tua ausência, presos no batente que, em segundos, se iluminaria com a sua presença. Apareceste; dei de cara com um tipo de fascínio que considerava invenção de grandes escritores. Pela primeira vez na vida, tive a consciência de que respirava. E o relance que captei de ti – porque tens essa mania de correr do ponto A ao ponto B, desesperadamente, como se a vida fosse algo tão frágil que a lentidão poderia tomá-la de ti – foi o suficiente para que eu perdesse o ar.

Agora, tudo que me resta é o cheiro do teu vinho, que se finda na garrafa exposta no fundo do armário. Não posso parar na tua porta, me extasiar com a expectativa dos teus lábios, porque o exterior anda tão perigoso... Quero-te aqui, aninhada em meus braços, para que sorris com o meu medo – disfarçado de raiva – de discursos políticos na televisão. Quero-te aqui, sorrindo-me com os olhos, porque terias medo da ameaça invisível e taparias metade do rosto. Quero-te aqui, em tua completude, mas com parte do coração pertencendo a mim.

Não posso te ter, e, como essa tão cruel distância que nos apartou no início permanece impenetrável e rude, resta-me viver de tua lembrança. Quero lutar pelo teu abraço e sangrar com a tua indecisão, mas... logo. Prometo. Prepare-te para partir meu coração e remendá-lo com um riso de desculpas. E para ceder-me um adeus amável.


Amo-te. Por isso permaneço aqui, sufocada de paredes já gastas e memórias tristes. Amo-te. Jamais trocamos estas sílabas feias, porém nunca foi necessário; sabíamos dessas entrelinhas amareladas. Amo-te com todas as veias, músculos, suores, ossos e nervos do meu ser. Com ternura e com saudade. Com tudo. Amo-te, e fazes-me falta.

Com sorte, no fundo do peito tu carregas esta certeza.

Com amor, me despeço.

Tua, sempre,

I.

	I.G. Marchetto	São Paulo/SP
	17 anos	@igmarchetto



O Quintal da Maria

Então, eu moro no quarto andar de um apartamento com janelas, que não dão para muitas vistas, aqui no centro de São Paulo. Era num apartamento térreo, que eu conseguia ver da minha janela, que morava um pai, uma mãe e uma filha que tinha por volta de 3 anos.

No ano pandêmico de 2020, aprendi a acompanhar de longe as risadas da filha, vamos chamá-la de Maria.

Às 11 da manhã de todo dia, enquanto eu suprimia com café e cigarros a ansiedade pelo dia que já começara, ouvia Maria rir com seu pai, que resolvia umas pendências por telefone.

Suponho que eles nunca souberam que eu existia. Eu só os via de cima, nunca seus rostos. Se os vi na rua tomando sorvete, eu mesma não saberia quem eles eram.

Quando havia os painelaços contra o presidente, a mãe da Maria sempre tirava um tempo para se manifestar. O quintal da Maria, que eu conseguia ver da janela da sala, era repleto de plantas e brinquedos, também tinham 2 gatos que eventualmente saíam para miar para lua.

Mais um dia igual aqui em casa. Eu acordo atrasada, pulo da cama e já ligo o computador.

Considerando o horário ridículo em que me levantei, penso que não há mais tempo para coar um café, me culpo por não ter acordado mais cedo e sigo trabalhando e trocando indiretas comigo mesma mentalmente.

Meio-dia eu já penso em poder parar, me passa pela cabeça que se eu não sou uma criadora de conteúdo no Instagram, eu estou mesmo aproveitando todas as oportunidades

da pandemia? Uma mensagem da minha chefe me perguntando se estou com algum problema para trabalhar, me faz voltar a única coisa que eu devia aproveitar na pandemia, meu emprego. Mas não sem antes abrir a câmera do celular, tirar uma foto conceitual dos meus materiais de escritório. Eles estão iluminados pelo sol de 32 graus que faz lá fora. Adiciono um filtro contrastante e granulado, chique. Abro o Instagram para postar, e claro que desisto. Quem nesse mundo vai querer ver minha lapiseira deitada no caderno? Melhor voltar a trabalhar.

Agora são 14h, ouço uma falação no apartamento térreo, uma voz feminina, que não soa como a mãe da Maria. “Cara! Olha só esse quintal! Vamos fazer muitos churrascos aqui!”. Eu, estranhando essa situação, me levanto e vou para perto da janela como quem não quer nada e tento olhar de um jeito que não me vejam.

Consgo avistar uma mulher loira, com uns 1,70 m (contando o salto anabela que ela usa). Podemos chama-la de Fabíola.

“Mãe, to aqui na casa nova!” Fabíola está numa chamada de vídeo. “Olha esse quintal que babado! Antes estava cheio de planta e brinquedo, não dava para ver nada!”. Nesse momento, Fabíola entra no apartamento e agora só consigo ouvir. Muito que bem.

“Olha o que o Sérgio deu pra gente, uma geladeira de cerveja! Foi a primeira coisa que chegou com a mudança!”.

Entra em cena o companheiro de Fabíola. Cara branco, meio alto, meio baixo, de Vans cano-baixo sem meia, camiseta, bermuda e boné. Ele fala para a sogra na video-chamada “URRUL, vamo inaugurar hoje, vou encher a geladeira de cerveja. Para comemorar, eles colocam para tocar o último *hit* do Harry Styles. O som no apartamento vazio ecoa em todo o prédio, entrando pelas nossas janelas e nos avisando que eles


chegaram para ficar. A alegria deles me incomoda um pouco, não sei se sinto inveja, se eles irão perturbar minha vida, se sou só uma pessoa preconceituosa que não sabe aceitar mudanças simples na vida.

Mando uma mensagem para o meu namorado, resumindo que a Maria e seus pais foram embora, e que agora habita um casal evidentemente carioca, ouvindo música de gente feliz. Meu namorado, fofoqueiro que é, aciona alguns contatos do prédio para saber se é verdade, e é.

Maria, seus pais, seus dois gatos, sua cama elástica, todas as plantas, a gargalhada matinal, foram para Sorocaba.

Resignada, volto pro computador e coloco os fones de ouvindo, abafando o som do Alok que entra pela janela.

Vou sentir saudades do quintal da Maria.

	Livia Ribeiro	São Paulo/SP
	32 anos	@nanolivio



Para o Menino Sol

Como dizer que amo você, assim sem usar de fato essa palavra tão gasta, tão erroneamente usada, transformada em líquido nos tempos modernos?

Como explicar esse sentimento tão grande, mas tão grande que, às vezes, sufoca?

É amor mesmo ou já inventaram outra palavra?

Veja bem, quando você me olha com esses olhos cor de mar e me invade com um mundo de sentimentos bons, ou quando abre um sorriso tão puro e faz o meu girassol interno se voltar para teu brilho de Sol...

Ou quando tuas mãos, delicadamente acariciam a minha, enquanto do meu peito sai o alimento para o teu corpo, tão pequeno de poesia.

Como chamar essa transformação? Aconteceu tão sutil, em meio ao caos pandêmico, você veio e contrariou tudo, trouxe vida!

De tantas mulheres que me habitam, uma desabrochou no momento em que nossos olhos se cruzaram.


Essa é uma ode ao amor, mas ainda parece tão simples, tão pouco para o tamanho da tua grandeza.

Pequeno menino Sol, como é bonito dividir essa existência contigo, como é lindo nos reinventar e descobrir tantas possibilidades de felicidade.

Quero dizer pra você que esse momento presente e o agora já deixou de ser e, entre uma respiração e outra, você cresceu um pouco mais, e aos poucos você vai indo para o

mundo e eu vou me acostumando, vou me reinventando, até o dia em que já grande, vá explorar por conta própria toda vida que existe. Mas saiba, meu filho, que o teu lar não precisa de paredes, mas ofereço a você para sempre os meus braços, mesmo que um dia eles já estejam cansados, aqui no colo de tua mãe, que também é girassol, me faça casa para os teus sonhos e poesia.

Com amor, mamãe.

	Simone Carvalho	Taboão da Serra/SP
	33 anos	@simoneecarvalho



Pontes

Morreu, morreu.

Pensou na sensação depois de descobrir que o amigo havia morrido. Pensava em como compreender que aquilo era real. Como pode a morte, sendo tão natural causar tanto espanto?

Não estranhava a dor, que é inevitável da sua realidade, se moldando ao fato de que faltava. Desagradavelmente faltava.

Daqui pra frente só existirá a ideia. “Existe a ideia”, se corrigiu. Porque o passado já aconteceu e agora só tem o futuro, e no futuro essa falta perdura.

Acreditava que as amizades são conexões mágicas que acontecem quando se reconhece no olhar do outro. E quando essa conexão é criada, se torna independente das distâncias e dos encontros e persiste pela existência de seus vértices em grafo.

Nesse dia sua metáfora mudou quando uma ponta se soltou. Que era inteira e agora partiu do presente daqui.

Que antes de ser ponta era inteira e percorreu o mundo.

De avião, bicicleta, skate.

E gostava de raposas e amargos.

Música, cotidianos, retratos.

Ponta solta.

Viraria ponta de lápis que conta histórias? Ponta de estoque, música barata e boemia?

Arte sem dúvida.

Chorou, chorou.

Da saudade que ia sentir, que duraria pra sempre e nada poderia fazer.

A não ser esticar essa ponta. Transformar a ponta em vida, nunca deixá-la presa.

Fazer a ponta dançar, cantar e chorar. Carregar sua braveza.

A leveza.

Porque quando um amigo morre o que dá pra fazer é viver.

Pensou, pensou.

Em criar pontes fraternas, doces e gentis.

Vivas, pulsantes e quentes.

Pontes indestrutíveis.

	Valéria Barros	São Paulo/SP
	26 anos	@valerieberros



Duas Mulheres e um Chão de Letras

Era uma vez, Luz e Pandora; dois seres que as Leis da Natureza fizeram encontrar-se a pisar num Chão de Letras. Elas passaram por muitos lugares até que os chãos delas se encontrassem.

Luz, a sonhadora, que passeia pelas letras e por meio delas conta histórias e sara sua dor. Curiosa mulher.

Pandora, a linda filha de Hefesto e Atena. Pan, pandemônica e pandêmica. Abriu a caixa de dores e as espalhou pela Terra. Curiosa mulher.

E as muitas mulheres que existem desde que Gaia gerou a Terra as trouxeram para o mesmo lugar, um Chão de Letras.

Chão de Letras é o lugar de Luz. Pandora, pandemônica e pandêmica, chegou para pisar esse Chão e mudar Luz. Como se deu... A Natureza (mulher) é criatura de Gaia (mulher).

Gaia, Deusa, como todas somos nesse lugar. Como um raio, entretanto chega Pandemia (mulher). Talvez prima de Pandora. O parentesco está na bruma da mitologia... Uma das dores que ela deixou escapar da caixa, para desequilibrar a Terra. Será? Essa mulher – Pandemia – chegou e se tornou malvista e maldita.

Será? Vejam e pensem por si e entendam o que essa Pandemia tratou de fazer por aqui, no território de Gaia – a Terra. As criaturas desse lugar viraram as costas para a beleza e a bondade de Gaia, a mulher de todas as mulheres. A mãe de todas as mães. Que concebeu e pariu a Terra. Sujaram, cuspiram, destruíram, acabaram, mataram e morreram.

Pandemia de Pandora veio tão somente para mostrar

o que cada um fez. O mal, que os seres nem tão humanos, dizem que Pandemia fez é tão somente o que cada um plantou. Pandemia só fez trazer a colheita.

E onde entra Luz nisso? Luz é toda mulher da Terra. Todas as mulheres. Que sangraram, choraram, perderam, morreram, renasceram. Luz olhou para Pandemia com tristeza, ansiedade, aflição. Pediu para ela sumir.

Pandemia de Pandora não trouxe só lágrimas, porém. Fez os habitantes descontrolados da Terra mostrarem quem realmente eram. Gaia, a suprema educadora, a mãe, que muitas vezes pela dor da punição, ensina. É ela lavando e purificando sua cria. Todas a suas crias. Quem Gaia achar com bondade, respeito e amor, será digno de ficar. Para construir uma nova Terra.

Sabem, senhoras e senhores? Mulheres são camaleões, arco-íris e aprendizes. Mudam a cor e a forma.

E Luz, como tantas Luzes, descobriu que podia caminhar pelo Chão de Letras em que outrora passou.

Luz e Pandora pisam e bailam nesse Chão. O balé do alfabeto.

Pandemia fez Luz, fez todas as Luzes descobrirem a beleza desses sinais. Fê-las perceber que nem só de dor Pandemia é feita.

Mulheres se descobriram Luzes. Letras. Esse Chão... Chão da Terra. Natureza, Cor, Deusa, Gaia, Terra, Pandora, Luz, Pandemia, Letra. Quantas palavras femininas.

O mundo, senhoras e senhores, É MULHER!

	SMastro	São Paulo/SP
	62 anos	@mastroroso



Leões Nunca Param de Rugir Leões Também Regem/Rugem

Descascou-se.
Viu-se em uma nova esfera.
Aceitar um momento que surgiu!
Inesperadamente.
Desabou.

Reflete.
Acomodar, ou se apropriar desse momento pandêmico?
Em que época histórica a mulher foi o sustento?
Sem ser reprimida? Sem ser violentada? Sem ser uma pandemia.

Em que época, seu corpo e seu valor foram superpostos.
Em seu isolamento perceber a falta, ausência.
Sua liberdade, foi novamente castrada.
Quer estar com suas amigas.
Saborear uma taça de vinho.
Usar um batom carmim.

Nesse tempo em que se vive remotamente.
As redes sociais, sempre com falhas.
Virtualmente vive, e revive.
Se conhece, com novas habilidades.
Se solta, nos sons do teclado.
Consegue se ver, sem medo.

Nas telas, se expõe. Se reconhece.
É admirada. Se admira.

Conhece alguém, por quem se apaixonou.
Tem com quem falar, fora do ambiente familiar.
Alguém que ama,
Alguém que pode e deve confiar, confidências.
É correspondida. Fica feliz.
Seu lar, é seguro, sua família sua base.
Percebe seu valor.
Seus pés têm asa.
Tem confiança em si.
Não há outro sentimento como este.
Voar.
Atravessar as paredes da invisibilidade.

Imagina e deseja que esse sentimento se espalhe.
Que todas possam ter essa liberdade, esse sol iluminado.
As paredes atravessando.
Que os punhos cerrados, se abram
Quebrem as algemas.
O sol vai nos iluminar

Seremos mais velozes que o vento.
Ele não levanta mais nossas saias.
Para ver o que tem debaixo.

Somos todas, e tantas.
Somos lagartas, borboletas.
Somos Fênix.
Mas não renascemos das cinzas.
Não somos sobreviventes.
Somos novamente, múltiplas.


Resistimos nas divers(I)dades.
Somos ventres. Somos vidas.
Geramos vidas.

Aconchegou-se no ombro amigo.
Em sonhos, devaneios, desejos, murmúrios.
Em um vasto lugar.
Presenciou a passeata do silêncio.
Percebe que todas as mulheres, tem um destino.
Como em um mundo pandêmico, seus filhos vivem?
Alguns, com acesso à internet, estudam.
Outros sem esses recursos, tão assustador.
Apenas tentam se manter, estudados.

Como sair da distante periferia para o centro de São Paulo?
Como levar o alimento para esses bicos de passarinhos?
E novamente, nos vimos em um palco sem plateia.
Hoje a plateia não aplaude e nem pede bis.
Hoje, somos plateias.
E a plateia, só deseja ser feliz.

Mesmo o sol da tarde de inverno, ilumina, aquece.
Sei que o sol vai nos iluminar.
Nos aquecer, nos acolher.
Mulher, refaz a terra. A vida. A raiz. O lugar.
Somos árvores enraizadas. Edificadas.

Leoas regem e rugem, jamais para.

	Corpo e Poesia (Stela Alves)	São Paulo/SP
	64 anos	@dança_investigacao



Talismã

Olhei no relógio, eram 20h20 de uma noite de inverno e lua cheia. Me debrucei na janela, olhei para o cruzamento na esquina. Nada. Nem uma única pessoa. No céu, apenas pó de estrelas salpicando o céu escuro. A lua estava linda, brilhante, enorme. Nessas noites de lua cheia é melhor tomar cuidado com o que se deseja, pensei.

Sento-me para escrever uma carta de despedida. Acendo a luz da mesa de cabeceira para enxergar melhor o papel na minha frente. Em branco. Faço um café forte para clarear as ideias, desanuviar a mente. É quase como um tônico superpoderoso que, ao ser ingerido, instantaneamente, pude-se me fazer vomitar as palavras presas aqui há tanto tempo. Olho para o lado e encontro pistas do que um dia foi uma vida de inseguranças e incertezas. Orações escritas em papéis desbotados, búzios, talismãs, aquele amuleto que você me deu de aniversário, muiiraquitã, eu acho, ainda embrulhado em papel pintado à mão e, junto, o bilhete com as palavras “ser mulher nesse mundo não é tarefa fácil, cuide-se, por favor”.

O papel ainda está em branco e o café já está frio. Não é que o que deva ser dito não exista, é só que nunca precisamos verbalizar nada, sempre foi tão fácil sentir você, ler seus pensamentos, dizer exatamente o que você queria ouvir. Eu sempre soube que estaríamos juntos a qualquer momento e, olha, não é que eu estava certa?


Nós estamos aqui agora, você lendo as notícias da manhã, em primeira mão, com aquele jornal que chega pontualmente, às 06h06 no seu e-mail. Eu sempre gostei do número 6, não sei porquê. E, agora, escrevendo isso, me lembro que é

o dia do seu aniversário. Eu sempre gostei da sincronia entre os números. Eu acho que é como uma espécie de lembrete, para não nos esquecermos de quem somos. A vontade de dar um fim na loucura é tão grande, mas, graças ao que ensinou o místico, concentro-me na minha própria respiração e, rapidamente, lembro-me de quem sou. É tudo um processo, procuro me lembrar. E lembro. Mas às vezes, confesso, sinto um misto de impotência diante de tanto sofrimento no mundo, vontade de viver a vida da melhor maneira possível e a saudade de um tempo que já não existe.

Lembrei do que disse o místico: “Coragem não é sobre ir sem medo, é sobre ir, com medo mesmo.”

É sobre isso, não é? Querer semear amor e sentir a brisa suave no rosto dizendo “olha ali, o caminho é pra lá” e não entender muito bem porque se está indo, mas simplesmente ir e aceitar e encontrar, finalmente, um caminho bem mais perfumado com as flores das sementes que semeamos ontem.

E, de repente, percebo que essa não é uma carta de despedida, mas sim de boas-vindas para o amor que floresce agora, dentro de mim, dentro de você, carregando a pulsão de vida que se estenderá, quem sabe, até o próximo inverno.

	Raísa Gomide		São Paulo/SP
	31 anos	@raisagomide	



Carta Para o Passado

São Paulo, 11 de junho de 2022.

Cara, Diane de 2021.

Esses últimos tempos foram bastante difíceis, não é mesmo? A pandemia nos deixou presa em casa, tivemos que nos afastar da nossa família para protegê-la, ficamos muito tempo sem poder caminhar sozinha por São Paulo... Cursos e encontros, só virtualmente. Foram muitas emoções: um sobrinho que nasceu no meio dessa loucura, problemas de saúde na família... E nunca ficamos tão indignadas com o governo brasileiro!

Deixamos de ver televisão e decidimos que iríamos continuar lutando com a nossa melhor arma: educando as crianças. E o medo? Medo de perder alguém que a gente amava, de não poder ajudar, de não conseguir respirar, tocar, viver... Crises de ansiedade e de choro. Passeamos pelas bordas do caos, mas não caímos. Sentimos muitas saudades: da família, dos passeios, de abraçar e de trabalhar presencialmente. Saudades de estar perto das crianças contando histórias, brincando, inventando coisas divertidas. Viu só como precisamos da energia delas para nos manter felizes? Saudade foi a marca da pandemia.

Também aprendemos bastante. Conseguimos lidar com a tecnologia, tivemos tempo extra para ler, escrever, desenhar, pintar... A arte foi uma grande aliada nesse período. Conhecemos pessoas virtualmente: a turma do Vocacional de Poesia, as mulheres do Laboratório de Criação. Naquele ano reinventamos não só a forma de trabalhar, mas de nos diver-

tir: sábados à noite ouvindo música e bebendo vinho com o Michel, cinema drive-in, passeios panorâmicos.

Em 2021 acreditávamos que tudo seria diferente. A sonhada vacina viria para todos nós. Não foi bem assim. A vacina ainda demorou e tivemos que voltar ao atendimento presencial mesmo muito inseguras. Mas fomos tão bem acolhidas por nossas colegas na escola que nos confortamos com isso.

Mulheres, sempre tão fortes e diversas! Mesmo entre tantas adversidades, acumulando afazeres – família, trabalho, casa – cada uma de nós, juntas, conseguimos criar nossa grande rede de proteção.


Passou-se um bom tempo e finalmente veio a bendita vacina.

Hoje me lembro de tantas coisas que vivemos nesses dois anos tão atípicos. Mas o mais importante foi que sobrevivemos! Quer uma dica? Tente manter a calma. Acredite, tudo isso vai passar. É mais fácil falar daqui, em 2022. Mas mantenha a fé. Continue sua jornada.

Claro que ainda usamos a máscara e nunca largamos o álcool em gel. Ainda estou tentando cumprir aquela lista gigantesca que fizemos em 2020. No momento estou sentada aqui na biblioteca Mário de Andrade escrevendo essa carta para te tranquilizar. Daqui vou dar uma volta na Paulista ouvindo um rock'n'roll.

Te espero sentada no vão do MASP, às 16h, escrevendo um poeminha urbano.

Diane de 2022

	Diane Macagnan	São Paulo/SP
	39 anos	@dianemacagnan



Mulheres da Educação

Era março, estava na porta da sala azul entregando as crianças às suas famílias. Recebemos a notícia de que a partir do dia seguinte, todas nós da educação estaríamos em recesso escolar. Por um instante pensei se aquilo fosse possível, já que o recesso acontecia em julho com as férias das crianças. Fui pega por uma sensação de medo coletivo e enfrentamento do desconhecido, mesmo que ia ficar em casa e não ia à guerra.


Em tempos “normais” ou de férias escolares sem viajar, a casa ficava cheia de ideias compartilhadas com a família. Mas desta vez tudo diferia, comércios fechados e todos em casa. Vinham pensamentos complexos e confusos relacionados às crianças da educação infantil, parceiras de trabalho, famílias distantes, ansiedade, depressão, atendimento psicológico essencial e o acúmulo de funções sociais, que nós mulheres vivemos inseridas.

Passado o tempo de recesso e feriados antecipados, veio o maior desafio; o ensino remoto. Não conseguia me imaginar fazendo educação infantil pela tela do celular, porque transformar o ensino presencial com todas as suas particularidades e riquezas da integração de pessoas diversas que somos, colocava-me no alto de um penhasco à beira do precipício. Lancei-me ressignificando toda prática como pedagoga e professora de educação infantil, transformando conteúdo de planejamento em horas de gravações didáticas, editadas em três, quatro ou cinco minutos; chamando as crianças para participar das atividades, dar devolutivas; e integrando as famílias no que chamamos de territórios educativos da educação integral.

Ao mesmo tempo pensava como estavam vivendo as meninas que moravam em regiões periféricas com suas famí-

lias de pouca renda. Lembrava-me das meninas e mães que viviam em vulnerabilidade social e que sofriam violência doméstica, quando a escola representava o lugar mais seguro de suas vidas. A cada reunião, via nos rostos das colegas um olhar perdido, com pouca esperança. E com as famílias, a tentativa de acolhimento das angústias de mulheres que passavam por sentimentos plurais. Sentia em mim um misto de ansiedade e de força em manter-me caminhando mesmo na trilha do desconhecido, quando, na verdade, sempre tivemos um dia de cada vez.

Enquanto fazia educação infantil remota, elaborando planejamentos coletivos, pesquisando atividades, estudando de modo a melhorar a qualidade das produções em vídeo e registrando todo esse percurso de horas trabalhadas; sentia um misto de resiliência e frustração por não conseguir alcançar um número maior de crianças e famílias por terem dificuldades em acessar as plataformas e o conteúdo elaborado por educadoras da unidade escolar. Enfrentamos inúmeros desafios, na descrição de sermos mulheres DiVers@s da educação, escrevendo nossas histórias, num mundo tão desigual.

	Zaira K. Fabre	São Paulo/SP
	50 anos	@zkf_psico



Refletida

Sem escolha
Vi-me aquietar
Enquanto o mundo
Se adoentava

Refleti em muitas
Ao me espelhar
Em tantas
Inspirada

Vi-me a medir
Inéditas ideias
Metafísica aplicada

Qual o tamanho do mundo?
O de dentro
Qual o tamanho?


É do tamanho da
Gota d'água
Dos olhos de mulher
É cais
E desagua

Qual o tamanho da nossa coragem?
A que vem com aquele medo ancestral
Sabe?

Sei que sabe
Qual o tamanho?
É do tamanho de um grito
É do tamanho de um coro
É do tamanho do choro
-engolido
Mede minutos
Séculos...
Um estalido

Qual o tamanho da força
De uma mulher?
De muitas?
Qual o tamanho?

É do tamanho do mundo
Epicentro
Escorre rubro
E cabe aqui dentro.

	Simone Machado	São Paulo/SP
	31 anos	@ sicamachado



O Reencontro de Ser Quem Somos

E se Deus não dar, como é que vai ficar?

Foram assim as promessas de esperança que não mudaram muito desde 1972. O ano agora era 2020 que começava com o Jesus Cristo da gente, menino preto e de cabelo loiro, com bigode elegante feito na navalha. Estava ali pregado na cruz, na Sapucaí do Rio de Janeiro para o mundo, como destaque da Escola de Samba Mangueira. Era o prenúncio para o que aquela virada de década nos preparava.


Um jogo de búzios mostrava que era ano de Xangô, mas outros diziam que era ano de Yemanjá. De um jeito ou de outro, a justiça era esperada e com todo o espetáculo, com todas as reviravoltas, seja pela magia e astúcia de Xangô, seja pelo arrebatamento de Yemanjá, com suas ondas que leva tudo que não nos cabe mais para dar lugar ao novo. O que a gente não esperava era que entre um jogo e outro, os orixás nos levavam e nos moviam a encarar nossos medos e nossa terra.

Crianças e idosos, homens e mulheres não sabiam porque Deus escolhera os seres humanos para temer a doença e a morte, enquanto os animais pareciam não se preocupar com aquilo. Nada adiantou. Nos primeiros meses os homens continuaram brigando com outros homens. No primeiro ano perdemos milhares de vidas e parte daquilo que nos tornava gente. Deus ajudava, às vezes. Foram salvos da ignorância um a um, seja pela cura do corpo (que também curava a mente), seja pela cura da mente de imediato. Mas, às vezes, pediam a Deus coisas que eram coisa da gente, que dependia de cuida-

do, dependia de amor. Dependia da nossa relação uns com os outros.

A morte era uma constante e muitos se acostumaram. Outros se negaram a deixar que a contingência colocasse arreios em suas vidas. Abraçaram os sonhos e as esperanças como se abraçassem um velho guerreiro que nos deixa um legado. Encontram aí a potência de agir. A luta era dizer todos os dias, a todo o tempo que o reencontro iria ocorrer e que a ilha em que cada um estava iria se desfazer aos poucos.

Até hoje não se sabe quanto tempo durou o deixar de ser humano, mas depois da fuga, nunca mais voltaremos a deixar de nos relacionar e encontrar a nós mesmos. Fuga do domínio, do medo. Nosso quilombo está se realizando novamente, cheio de amor e de nós mesmos, com todo encanto da natureza que habita em nós.

	Daiane Souza	São Paulo/SP
	30 anos	@ dai_ms



Um Dia Quis Ser Cientista

Um dia eu quis ser cientista. Disse para minha professora que seria cientista e ela riu. Neste dia eu digitei no yahoo.com “como fazer para ser cientista”. Um site da web disse que precisava estudar em uma universidade, e logo apareceu o nome da USP. Minha mãe gostou da minha ideia. Meu avô disse que também riram quando ele disse que queria ser artista, mas ele é. Meu pai disse que zootecnia dava dinheiro.

No outro dia eu decidi estudar na USP. Peguei minha bicicleta cromada, saí de casa, passei pelo arco escrito “Bem-vindo ao Pantanal”, subi uma rua empoeirada, e cheguei no único lugar onde ninguém tentava me ensinar nada. A Biblioteca Municipal de Bodoquena. Lá tinha uma secretária que uma vez me perguntou onde meu pai morava, ele tinha ido lá uma vez para fazer minha carteirinha, achei ela bem anti-pática, mas eu precisava passar por ela para acessar as Barsas. Meus livros favoritos. Descobri livros que falavam sobre lugares que eu não conhecia, sobre animais, histórias e pessoas muito mais legais do que a moça que assinava minha carteirinha, pelo menos ela fazia perguntas e não afirmações.


Muitas afirmações seguiram ao longo da minha vida, e aquela altura eu já estava saturada. Algumas negativas eu também recebia, e igualmente não gostava. Outras imperativas eram regularmente imperadas. E tudo bem porque outro dia eu decidi que não queria mais ser cientista, e aí, descobri minha sentença favorita: eu desisto. Curta, simples, um sujeito e um verbo de ação conjugado no presente. Algumas interrogações finalmente foram feitas, e dessa vez não eram sobre a

localização precisa da moradia do meu pai.

Tem sido ótimo responder essas perguntas. A primeira que surgiu fui eu quem fez a mim mesma: “Se você está isolada, se você tem seus filhos, sua casa seu marido e sua saúde mental, que juntos rendem pra você um trabalho lindo de descobertas, experimentações e produtividade, se você tem suas prioridades de manter o bem-estar e o funcionamento de todos, e se uma das coisas mais importantes para você é fazer render para todos a sua volta, o que você está lucrando com essa sua ciência lá na sua universidade?”

As perguntas que me foram feitas depois dessa, eu primeiro ri, porque não eram tão interessantes quanto as que eu mesma inventei. Antes de responder, agora, eu penso se quero ou não me justificar, e na maioria das vezes não quero. Aprendi, depois de quase dois anos em casa com os meus pequenos e grandes tão perto de mim, que a ciência que muda o mundo é aquela que junta tanto conhecimento que age na vida da gente, que muda a vida dos nossos, que enche de experiência todos que participam, todos que assistem, e isso eu já faço bem.

Agora sou eu quem pergunta, afirma e nega. Agora, presa na torre do meu castelo, reino, cuspo fogo e durmo sempre que eu quiser. E daqui, olhando pela janela crio hipóteses, investigo, experimento, crio e atesto. Analiso e reanaliso, e me certifico que contra fatos há quantos argumentos eu quiser. Hoje minha filha me disse: “Mãe, já sei o que quero ser quando eu crescer: CIENTISTA”.

	Beatriz Messias	Ferraz de Vasconcelos/SP
	26 anos	@_bemessias



Era Dia de Escrever

Num certo ano, teve um dia.
Qual o quem não se sabe, mas a realidade é: livro é uma fonte.
Para uns, forte. Para o autor, força.

O que não se sabe é a língua descrita
e a curiosidade que se graça na vista do outro,
feito pandemia, vai longe.

Porém ninguém mais se importa com a fonte.
Boas-vindas à nossa Terra.

	Oluh Guerra	Caragatatuba/SP
	29 anos	@guerra.luh



ARA PYAÚ
GRUPO INDÍGENA



Ara Pyaú

O Ara Pyaú (que são os Tempos Novos na cultura Guarani e Guarani Nhandewa) inicia-se junto com a Primavera, que é a estação que prossegue também com a entrada do Verão. O Ara Pyaú, para os Nhandewa, é um período de renovação e renascimento, tanto para os seres humanos quanto para a natureza. É nesse período que acontece o Aragwydje Pyaú (Ano Novo) onde acontece, também, um ritual sagrado que é o Nhimongarai ou Karai-oupi (batizado para dar os nomes para as mitangwe). Esse ritual se dá logo após a primeira colheita do Awati, que é plantado no Ará Ymã em março.

No texto a seguir, finalizaremos nossa antologia com um texto coletivo, dos participantes deste projeto, da aldeia Nhamandu Mirim, localizada na cidade de Peruíbe. Um texto que nos leva a refletir sobre o ontem, a pandemia e o amanhã.



Ara Pyaú

Ara Pyaú ma nha maety awã kovaé ara ovae jave ipoty mbae-moi enhoim mbavi. Ara Pyaú nhandekuery pe onhembopyaú nhande yvy, ka'aguy, onhemontyro. Kovaé ara jave kyringue'i nhamboery nhemongarai py há'egui ka'a oupi. Avaxi nhamboi rire ma nhamboeryi mitangue'i, Ara Pyaú oaja pa rire Avaxi Nhandhonty ju ara ymã ovae jave.

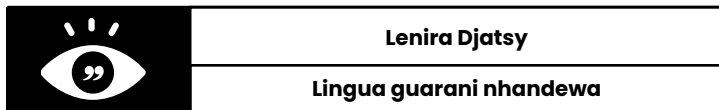
	Simone Takuá
	Língua Guarani mbya



Djatsyá – regwá

Nharopórandu nhanheramõe/nhandetsy kwery eíwa omombeú nhandewy ymã rendipoiry mba'emõ...

Ndipoiry nhande matitirõ, djambopará awã, djaetxá awã, djakaru riwé, djakaru ronhimbyayi ma ramõ, pyntum omae ma ramõ djaké ma, kwaray omae ma ramõ djawy djawy. Djaikwaá ary-awy kwaray-regwá, pyntum-gwi djatsy-regwá nhamaê ma ywate-py oky ma ramõ djaikwaa ma ndipoiry Aragwydje Pyaú, djaikwaa ma Ara Pyaú Tsaraku oporai ma ramõ.





Ará Pyaú

Em pesquisas com os anciões, eles sempre nos contam que antigamente não existia nada...

“Não existia roupa, caderno, livro... tudo o que temos hoje foi “inventado”. Não tínhamos relógios, não tínhamos horário para comer. Comíamos quando tínhamos fome, dormíamos quando anoitecia e acordávamos quando amanhecia. A gente se baseava pelo nascer e pôr do sol. Para saber do tempo, se ia fazer sol ou chover, era só olhar para o céu. Não tinha festa de Ano-novo. Sabíamos quando era *Aragwjedjé Pyaú* pelo cantar da Saracura”.

Fala do ancião Awá Mirindju.

Como falar em pandemia sendo que nós, o povo *Nhandewa*, temos o costume de viver aglomerados de alguma forma?

São tempos diferentes e difíceis em que tivemos que nos acostumar a reduzirmos em práticas onde sempre estivemos e precisamos estar com os demais componentes da comunidade. Sendo assim, tivemos que passar por um *lockdown* intercomunitário, cada um na sua oquinha. Ainda estamos em período crítico como consequência da contaminação e propagação do vírus da Covid-19. Ainda temos nos arriscados em nos fazer presente em rituais de *mboraí* (cânticos, danças, rezas) no Tupã *rendá/Opy/Casa de reza* que é o local onde realizamos os rituais sagrados de conexão com *Nhanderueté*, o Nosso Pai Verdadeiro. Está sendo muito estranho ter que participar desses momentos seja por medo dessa contaminação, seja, principalmente, por termos que utilizar as máscaras.

Nós *Nhandewa*, temos muitas práticas conjuntas, eventos com muita gente, comemorações muito importantes tanto para o fortalecimento interpessoal quanto culturalmente, pois é da tradição, que se siga tais eventos. Um ponto muito triste para nós, mesmo nos encontros, foi a falta de contato. O povo *Nhandewa* tem o costume de se tocar, dar as mãos, abraçar e brincar. Sentimos muito a falta desse contato. Também aprendemos muito neste período. Aprendemos a valorizar cada dia mais a nossa família, a família mais próxima, de dentro de casa, onde aprendemos muito uns com os outros, isso fortaleceu a cooperativa familiar, aprendemos a realizar atividades que outrora eram feitas com as demais pessoas da comunidade onde ficávamos a mercê do trabalho comunitário.

Ainda estamos em fase de adaptação dessa nova era, a era digital. Mas até que isso tudo passe, creio que teremos novas formas de ver e levar a vida, pois daqui pra frente os cuidados com o outro e pelo outro será cada vez mais peculiar. Pedimos a cada dia a proteção, a direção e a sabedoria do *Nhandedjary*, o nosso Criador, pois muitas pessoas no mundo não tiveram a mesma oportunidade que temos de nos expressar, pensar, continuar cuidando do próximo e planejar o dia a dia com muito amor e carinho como se não houvesse o amanhã.


Enquanto escrevemos e lançamos este livro, vivemos o *Ará Pyaú* por aqui, que são os períodos dos “Tempos Novos”, primavera e verão, na cultura Guarani e Guarani *Nhandewa*.

O *Ará Pyaú* para os *Nhandewa* é um período de renovação, renascimento, tanto para os seres humanos quanto para a natureza. É neste período que acontece o *Aragwjdjé Pyaú* (Ano-Novo). É quando acontece também um ritual sagrado que é o *Nhimongarái* ou *Karái-Owpi* (batizado para dar os nomes às crianças). Esse ritual se dá logo após a primeira

colheita do *Awati* (o milho sagrado), que é plantado no *Ara Ymã* (outono/inverno).

Aêwete Katu Nhanderu Peteingwe djiwy aporandu ndewy upe! (Muito obrigado, mais uma vez eu peço ao Nosso Pai, por mais esta oportunidade!).

	Jean de Oliveira Cardoso
	Whesley dos Santos Evaristo
	Itauan Nabiran Gomes Lemos
	Pamella Renata Dina de Oliveira
	Carolina Dina de Oliveira
	Erika Dona Santana
	Maria Júlia
	Erik Diogo
	Leandra Kawener Dina dos Santos
	Leandro Kwaray Tsapes
	Thales Barbosa Silvano
	Simone Barbosa da Rocha
	Lenira Dina de Oliveira
	Kamila Ariellen Dina dos Santos
	Samira Naely Jerá Poty Delane
Davi Honório Cardoso Bottega	

	Suri Lavine Honório Cardoso
	Igor Nimboeté Samuel dos Santos
	Josiane Cardoso Bottega
	Auá Nimboeté Samuel dos Santos



Posfácio

Daqui do mês de Agosto de 2021, encerramos a primeira edição do projeto “**É Dia de Escrever**”, projeto idealizado e realizado pela “**Editora Question!**” e “**Diários de Viagem**”.

Trabalhamos com 100 autores e autoras, onde 89 desses, publicaram nesta antologia o seu texto sobre a pandemia da COVID-19 e o recorte dos subtemas escolhidos por cada grupo.

Vivemos tempos traumáticos, de obscurantismo, *Fake News*, polarização e corrupção política, e neste momento, estamos com a nossa democracia ameaçada. Este cenário colaborou para que (até então) perdessemos mais de 557.223 amigos, amigas, pais, mães, tios, primas, avós e pessoas que certamente farão falta a esse mundo, para um vírus mortal, incentivado e perpetuado por outro vírus nacional: o negacionismo.

Toda a equipe do projeto, assim como os participantes, realizaram seus trabalhos, oficinas e encontros de forma virtual. Fomos ombros e esperança uns dos outros. Conversamos, trocamos, nos apoiamos e incentivamos para que juntos, por meio da nossa escrita, pudéssemos colaborar para que esses tempos não se repitam.

Foram 21 profissionais diretamente envolvidos neste projeto, além de diversos parceiros e parceiras que nos auxiliaram a colocar nas ruas mais de 300 cópias desta antologia, instalar e ampliar 5 bibliotecas pelo estado de São Paulo com mais de 120 livros cada uma, 15 oficinas (totalizando mais de 50 encontros) e 5 Saraus online de encerramento do projeto.

Confiamos e acreditamos no poder das palavras, mas sabemos que são as atitudes que mudam o mundo (ou o seu bairro, condomínio, rua...), e esperamos que os textos desta antologia, possam te aliviar os dias, incentivar a tomar melhores atitudes e que num futuro, possam levar um retrato do que foi a pandemia COVID-19 do ano de 2020.

Nos encontramos por aí.

Equipe **É Dia de Escrever**

Alguns textos tiveram formatação e ortografia sugeridas pelo próprio autor ou autora.

**é DIA
d'ESCRE
VER**



Acesse

É Dia de Escrever



Editora Questione!

